

## VI

### O DISCURSO CORRECTIVO

A nova sociabilidade (onde a mulher era figura central), a consciencialização e recusa progressiva das mulheres aos anteriores espaços e papéis, geraram o pânico da desordem social e as forças tradicionais conjugaram-se para a combater.

A chamada literatura de cordel desempenhou nesta resistência um papel decisivo pelo vasto público que atingia. Revela-nos simultaneamente dois aspectos fundamentais para o conhecimento da sociedade em questão: a audiência que o novo modelo de vida tinha conseguido — retratando e criticando a desenvoltura e «revoltas» femininas em estratos sociais baixos, revela até que ponto se tinha expandido a modernidade — e a opinião dominante entre o público leitor desse género literário. Como ressalta Maria Cruz Garcia de Enterría, o público tem aí uma influência decisiva na escolha temática e esta, por sua vez, influencia e condiciona os comportamentos <sup>1</sup>.

#### 1. O REPÚDIO

##### 1.1. *Apelo aos homens*

Logo nos primeiros anos da década de 50 o autor de *O Anonymo* propõe-se corrigir os vícios que começavam a

alastrar na sociedade portuguesa. Morganti é pouco original nos seus artigos. Servindo-se de *Les Caractères* de La Bruyère [1645-1696] e do *Spectator* de Addison [1672-1719] e Steele [1672-1729], tradu-los copiosamente, mas a tradução não é fiel: imprime-lhe alterações (supressões e aditamentos) no intuito de adaptar o texto à realidade portuguesa<sup>2</sup>, o que o transforma numa fonte digna de análise. Marie-Hélène Piwnik detectou entre os temas suprimidos o chichisbeato<sup>3</sup> e a educação da mulher e entre os temas originais do português ideias misóginas, muito conservadoras, pelas quais se demarca de Addison.

Dos seis números totalmente originais, um deles, sem título, tem por tema o casamento e as grandes desvantagens que esse estado acarreta ao homem, pois a mulher deseja exercer a sua vontade (o autor lembra, a propósito, uma estampa representando o mundo às avessas), provoca excessivas despesas, obriga a uma permanente vigilância que coarcta a liberdade do marido, é soberba, indiscreta, palradora, propensa a tornar-se «bacharela»<sup>4</sup>.

O autor do *Anonymo* revela estar ao corrente das novidades que se começam a impôr e o seu discurso torna-se, em outros artigos, mais claramente de reacção<sup>5</sup>. Condena, por exemplo, a dança e os seus praticantes

«Os diversos movimentos de danças, e a confuzam e desenvoltura, que nisto houve foram taes, que eu no meyo da galhofa voltei para minha caza, e nam pude descansar toda a noute na consideraçam de que haja nam só quem receba muito gosto, e divertimento em desenvolturas tam indecentes, mas que haja quem leve, ou deixe ir as suas familias a semelhantes divertimentos»<sup>6</sup>.

Reage também ao uso de «maquillage»<sup>7</sup> e indigna-se, como vimos, com a liberdade de actuação que a máscara permite<sup>8</sup>. Assim, vemos Bento Morganti recusar admitir a mistura dos sexos e dos estratos sociais. Os bailes de máscaras, cuja função é alterar profundamente a personalidade, destruindo as marcas que prendem o indivíduo à sua categoria social (e o sexo é uma categoria social), recriam um

fugaz mas autêntico «mundo às avessas», onde impera a desordem, onde cada um pode actuar totalmente liberto do poder coercitivo da aprovação/reprovação social. Bento Morganti, eclesiástico, só podia salientar os perigos de tais ajuntamentos e ao invocar a responsabilidade e autoridade do pai e do marido, lembra-lhes que é a eles que cabe refrear os excessos da moda.

Correia Garção, na década de 60, no *Teatro novo* e na *Assembleia ou partida* satiriza os pequeno-burgueses que sem meios financeiros pretendem imitar o modelo de comportamento «polido», à francesa: «Quem muito não tiver, que gaste pouco: / Deixe-se de partidas, d'assembleias. / Brilhar não queira à custa dos amigos»<sup>9</sup>. Está dado o tom. O teatro «de cordel» retomará incansavelmente este tema. À baixa burguesia é recusado o direito à vida de «bom gosto» que eles também pretendem, mas é aos pobres, porque pobres e não porque 3.º estado, que se recusa a vida de «bom-gosto» — oposição rico/pobre e não nobre/plebeu<sup>10</sup>.

Nas comédias, entremezes e poesia satírica que consultámos datadas dos anos 70 as práticas sociais relatadas e satirizadas são as seguintes: o comportamento artificial dos homens e mulheres da moda, pedantes que vivem para parecer, a realização de assembleias, a pretensão das mulheres casadas em sair de casa sem a guarda de ninguém e a nova educação feminina. Opõem-se já os dois tipos de raparigas.

A maioria dos folhetos consultados data dos anos 80 e 90. Os temas e as personagens não diferem muito da linha traçada nos anos anteriores: repúdio da vida social e da mulher moderna (solteira, casada ou viúva) — os homens são vivamente aconselhados a não casar com este tipo de mulher<sup>11</sup>. São frequentes os entremezes cuja tema versa as brigas entre marido e mulher. Os autores destas obras dirigem-se aos maridos a quem recordam a sua supremacia, alertam-nos para o perigo que estão correndo, insistem no seu papel de educadores e ensinam-lhes os meios mais eficazes para dominar as suas rebeldes esposas. Método considerado infalível é a ordem de reclusão em convento. Outras vezes elas cedem e arrependem-se sob o efeito das palavras de

persuasão do marido ou de «conselheiros» que podem ser um amigo do marido, uma boa mulher ou até uma criada, personagem que muitas vezes ilustra o pensamento conservador, o que porventura não fugia à realidade (provenientes de meio rural ou de um estrato urbano muito baixo, as criadas representavam a mentalidade desses meios, sempre retrógrados). Outras vezes, ainda, a solução adoptada e preconizada é o espancamento puro e simples.

O riso, a exploração do ridículo, da caricatura, foram utilizados profusamente e tudo era criticado. Tomemos como exemplo *A mulher reformada e o marido satisfeito. Obra alegre, moral e recreativa*. Condena-se à mulher estar à janela, usar toucados e roupas vistosas e francesas, frequentar assembleias, dançar, ir à rua com frequência, encontrar-se com as amigas (mulheres reunidas falam de modas e criticam os maridos, pais e vizinhos). A mulher deve viver recatada, gastar pouco e obedecer cegamente ao marido que tem por obrigação educá-la.

As assembleias são o cavalo de batalha: «endiabrados divertimentos, que tantas dezordens cauzão»<sup>12</sup>. Os maridos sensatos recusam abrir a sua casa a tais desordens:

«Eu supponho V. m. quer fazer a nossa caza, caza do povo! [...] Divirta-se em cozer, fiar, fazer meia; e se não tiver em que trabalhar, conversaremos ambos, e divirtir-nos-hemos a nós mesmos; porém com gente de fóra não ha que deferir»<sup>13</sup>.

E se o marido acaba por ceder aos rogos da esposa, o resultado é sempre desastroso: no caso do entremez anterior, a mulher enamora-se imediatamente de um convidado. E então:

«Sirva este cazo de exemplo, para todas aquellas, que pretenderem fazer divertimentos; pois quasi sempre delles se orignaõ mil desenvolturas, e continuas desordens»<sup>14</sup>.

De um modo geral, as comédias terminam com um apelo que é frequentemente dirigido às mulheres, como o que acabámos de citar. As mulheres são, como os homens, interlocutores neste diálogo autor/público<sup>15</sup>. Dois outros

exemplos, o primeiro de autor anónimo, rematando um entremez, e o segundo uma quadra de José Daniel Rodrigues da Costa:

«...que isto sirva de exemplo a todas, que habitão neste brilhante estado [do casamento], para condescenderem com a vontade de seus Espozos»<sup>16</sup>

«Senhoras vão deixando as Assembléas,  
Tragem com meio termo,  
Sejão nos seus agrados mais escaças,  
Que Lisboa não he já para graças.»<sup>17</sup>

Falámos já do violento anátema lançado por Frei José de S. Cirilo Carneiro às mulheres que ousavam mostrar nuas algumas partes do seu corpo. Este frade, que as condena ao fogo eterno, exige dos maridos e pais o pronto exercício da sua autoridade na proibição das modas pecaminosas. Mas a sua violência é tanto maior quanto a sua voz é voz que clama no deserto, pois já nem os padres confessores se atreviam a proibir esses usos<sup>18</sup>.

O pensamento da Igreja sobre a sociabilidade pode ser ilustrado com as palavras de Frei António de S. Francisco de Paula Cartaxo [?-vivo em inícios do séc. XIX]:

«Todas estas reflexões devem fazer os que se entregão á vida ociosa. Elles devem conhecer, que as Escrituras santas, o Evangelho, os Oraculos do Salvador, e os exemplos dos Santos são humas regras infalliveis porque se devem regular as nossas acções. Ellas reprovaõ os gostos, os deleites, e os divertimentos mundanos [...]. Vejaõ, que fruto tiraõ das continuadas conversações em que passaõ grande parte do dia, discorrendo sobre humas inutilidades, que quando não sejaõ offensivas ao Proximo, nunca seraõ proveitosas á Alma. Vejaõ, que fruto para a Alma, ou que proveito para a vida se tira dessas assembléas profanas, em que se passa muita parte da noite com huns taes, ou quaes divertimentos, talvez improprios para o sexo, repugnantes á modestia, opostos aos bons costumes, e contrarios á Salvação»<sup>19</sup>.

## 1.2. *A acção da Censura*<sup>20</sup>

A Real Mesa Censória, criada em 1768, exerceu uma influência decisiva na divulgação destes modelos de compor-

tamento. Aos censores não escapava a importante função moralizante que as comédias populares podiam desempenhar. Possuiam mesmo uma opinião muito precisa sobre a correcta caracterização das personagens e desenvolvimento do tema:

«Se no Entremez se representaõ alguns vicios devem ir sempre acompanhados com a emenda ou de hum tal ridiculo, que os faça vis ainda aquelas pessoas que o são; ou com a relação do castigo que lhes he devido: de outra sorte só serviraõ os Entremezes para propagarem aqueles mesmos vicios que neles se representaõ»<sup>21</sup>.

Porque obedecem a este esquema de tratamento concede-se licença ao *Entremez das fantasticas bazofias de Dona Harpia* e à *Carta de hum filho a seu Pay, em que se descreve o ridiculo traje dos peraltas*: «Ambos são dignos de se imprimir. Porque em huns assumptos burlescos contem sua instrucção, guardaõ decencia, e estão muito bem escritos»<sup>22</sup>. Mas uma *Carta que huma Peralta mandou a outra*, não logra permissão e isto porque

«...em lugar de hum bom Discurso, que com solidez e vehemencia ou dezenganasse, ou ridicularizasse as chamadas Peraltas; não se vê aqui senaõ hua cadeia de metáforas impropriissimas e atrevidissimas [...] de hum gosto de Novella de Comedia Hespanhola. De sorte que o Author quiz convencer a vaidade das Peraltas...»<sup>23</sup>.

Se as peraltas devem ser ridicularizadas ou desenganadas, o mesmo não é permitido a figuras gradas da ordem social como padres, juizes, capitães ou officiaes de justiça. Estes são intocáveis<sup>24</sup>, o que não acontece com mulheres. Mas, por vezes, o autor dos folhetos vai mais longe na sua misoginia do que os próprios censores. É o caso do papel *Carta que escreveo hum Anónimo [?] a outro, dando-lhe conselhos, para que se não deixa-se enganar da sagacidade das mulheres, que usaõ com os homens*, cujo título leva o censor a conjecturar tratar-se de «pedantarias, satiras, e expressões insulsas contra o sexo feminino». Trata-se afinal de um requisitório cheio de

«despropositos, maledicencias, e diterios com que a torto, e a direito se atreve a censurar, e criticar sem

modo, nem geito os ornatos, acei-os, e composições que hoje vemos na maior parte das Senhoras da Corte, que quando fosse maos, nada lhe podiaõ servir para desempenho do seu argumento»<sup>25</sup>.

As mulheres suscitavam um interesse cada vez maior e do estrangeiro chegavam muitas obras que o revelavam. A Censura foi muito cuidadosa no exame desses volumes, mas havia-os que, embora veiculassem uma imagem feminina afastada da tradicional, não ofereciam motivo evidente para ser proibidos e conseguiam passar através da fina malha da Real Mesa como, por exemplo, uma *Historia literaria das mulheres francezas*<sup>26</sup>, um *Ensaio sobre o character, os costumes, e o engenho das mulheres em differentes seculos*<sup>27</sup>, e mais arrojadas, as *Cartas de Mme. Maintenon*<sup>28</sup> e *La Philosophe para [sic.] amour, ou Lettres de deux amans passionés, mais vertueux*<sup>29</sup>.

Mas as ideias propagadas do exterior que exaltavam o amor, a mulher, a vida e os seus prazeres afluíam sem cessar e quanto a isso a Censura não cedia. As Cartas e memórias de mulheres, vulgarizadas neste século, são sistematicamente proibidas, o amor profano condenado, os divertimentos sociais vistos com a maior desconfiança e as opiniões «feministas» encaradas com indignação. Desde o início da sua actividade que a Real Mesa Censória suprime ou manda retirar do reino várias obras desse teor. Dêmos alguns exemplos:

— *Adriene ou les Aventures de la Marquise de D.D. [?]*

«Os Franceses á tempo a esta parte tem introduzido neste Reyno muitos volumes destas composições, nas quaes a utilidade ou he bem pouca, ou nenhuma; fazendo por este modo hua extracção á nossa moeda, e fazendo ocupar as gentes em lições de semelhantes livros, distrahindoos de applicações mais serias, e mais proveitosas. Acresce, que nestas Aventuras se encontram ás vezes muitas impropriedades, e amores indecentes. Sou de parecer, que os sobreditos dous volumes se mandem sahir destes Reynos.» — 5 de Outubro de 1768<sup>30</sup>.

— *Les Egaremens de Julie*, 3 vols., ao qual se applica o parecer anterior<sup>31</sup>.

— *La Princesse de Cleves*

«...trata dos amores profanos da Princeza: elle só pode ser util aos mercadores, e negociantes, porque com elle extrahem a nossa moeda; e aos naturaes he pernicioso, não só pela sua materia, mas também porque lhes consome o tempo, que poderaõ empregar na lição de livros uteis, e interessantes. He pois o meu parecer, que se mande sahir destes reynos, e seos dominios» — 20 de Fevereiro de 1769<sup>32</sup>.

— *L'Art d'aimer, et le remede d'amour, traduction d'Ovide* — «O seu assumpto está per si mesmo persuadindo, que se supprima» — 8 de Abril de 1769<sup>33</sup>.

— *Memoire sur la vie de Mademoiselle de Lenclos, Mémoires de Madame la Marquise de Crémy, Lettres de Madame de Saucerre, de hazard du coin du feu* — «so servem para inspirar o amor profano, e corromper a mocidade»<sup>34</sup> — s.d..

— *Dialogue [sic.] Moraux d'un petit maitre, et une femme raisonable*: causa indignação que o cavalheiro ouse dizer à senhora que não deve fidelidade ao marido, pois este também lha não guarda.

«He bem verdade que elle não chega a perverter a Madama. Ella resiste a todas as suas persuasoos; e ella se conserva constantemente na fidelidade, que deve a seu marido; porém estas pessimas, e venenosas doutrinas não convem, que se espalhem, nem que andem pelas mãos da inadvertida mocidade, pois lhe chega a ensinar, o que ella deverá não saber, e pode a sua lição arruinar com facilidade o Christianismo, a fe, a Religião» — 29 de Setembro de 1774<sup>35</sup>.

— *Les amans vertueux, ou Lettres d'une jeune dame, ecrites de la campagne à son amie á Londres. Ouvrage traduit de l'anglais*

«...perniciozas maximas dirigidas a atear o fogo de huma paixão amorosa até conseguir o abominavel fim, que se propoem, pelos perigozos lances que prepara» — 13 de Janeiro de 1777<sup>36</sup>.

— *Cri d'une bonnete femme qui reclame le divorce*

«...poderá perverter a huns, e radicar a outros na sua libertinagem, persuadindoos, que o matrimonio por qualquer disgosto se dissolve. Assim sou de parecer que inteiramente se suprima, e senão deixe correr» — 25 de Dezembro de 1777<sup>37</sup>.

— *Cartas de Mademoiselle de Lenclos*

«he verdade que não estraga a modestia nas suas converçassões, e que se pretende figurar em hum prazer platónico; porem como o exceder estes limites he o mais certo, e perigozo na pratica, e o artefício das suas cartas vem a formar huma como arte de amar, eu julgo indigna esta obra de se ler pelo publico a quem deve ser prohibida» — 24 de Janeiro de 1782<sup>38</sup>.

Em alguns casos nota-se uma certa ambiguidade nos critérios adoptados pelos censores. Serão vários os pareceres favoráveis que não merecem a concordância dos restantes membros da Mesa e no início da década de 80 permitem-se obras que certamente anos antes teriam sido proibidas com a unanimidade dos votos. É o caso de *Memoires de Madame Maintenon*, que foi permitida com censura verbal de um deputado<sup>39</sup> e de *Les têtes folles* «obra [...] cheia de discursos amatorios», que recebeu parecer desfavorável, mas a Mesa decidiu permitir a sua venda<sup>40</sup>.

Todavia, logo se regressa à anterior intransigência. E assim, são consideradas indignas *Lettres de la marquise de M... au comte de R... par M. de Crebillon*<sup>41</sup>, uma *Historia das molheres celebres do decimo oytavo seculo* («encadeamento de lances, e socessos de molheres dezenvoltas; e das varias fortunas, que ou como enganadoras, ou enganadas, praticaraõ com seus amantes»<sup>42</sup>), *Os sacreficios do amor ou cartas da viscondessa de [...]*<sup>43</sup>, *A amizade perigoza*<sup>44</sup>, *Les faiblesses de une jolie femme*, de autoria de Mme de Vilfranc<sup>45</sup>, *Les aventures des plus jolies femmes de l'âge présent*<sup>46</sup>, *Les confidences d'une jolie femme*<sup>47</sup>, *A mulher nos trez estados de Donzella, de Esposa e de May*<sup>48</sup>, *Lettres de Mm. la contesse de Barry*<sup>49</sup>, *La paysanne pervertie ou historia*

de Ursula<sup>50</sup>, um *Tratado do divorcio*<sup>51</sup>, um *Dicionario do amor*<sup>52</sup>, etc., etc..

A posição dos clérigos perante a sociabilidade e os tempos lúdicos mantem-se intransigente. Continuando a considerar a vida terrena sem valor intrínseco, encarando-a como uma série de provas a prestar por cada um a fim de merecer ou desmerecer a salvação na eternidade, só podiam condenar toda e qualquer ocupação mundana que desviasse o pensamento de Deus, pensamento que se desejava constante. Os censores, maioritariamente homens da Igreja, reflectem essa fobia pela sociabilidade heterossexual. Apenas um exemplo: a 18 de Junho de 1788 concede-se licença de impressão a uma obra intitulada *Donzella instruida*, dividida em três partes.

«No 3.º [diálogo] tratasse dos vicios mais odiosos aos Anjos da Guarda, e que mais impedem a sua pro-teção nos perigos e necessidades desta vida. O 1.º destes vicios, e que he a raiz de todos os mais he a ociosidade, sobre o que discorre muito bem a Mestra, e se admira muito a Discipula por ella reprovár nas donzellas todos os divertimentos, que hoje reinaõ nas Cortes, e em todo o mundo.

A obra he muito bem pensada, mas para ser perfeita devia ser tratada por outra mão mais habil»<sup>53</sup>.

## 2. APELO AS MULHERES

### 2.1. *A mulher ideal*

Como vimos, as mulheres são encaradas como leitoras virtuais no teatro «de cordel». A ela, tanto como aos homens, se dirigem as mensagens. O modelo que lhes é proposto é o tradicional: mulher submissa, recatada, modesta, trabalhadora. O teatro «de cordel» assume-se apologista dessa idealidade incansavelmente proposta. A mulher, cujos cânones de comportamento se identificam com essa imagem ideal, e assegurada a felicidade, a paz no lar, o amor e o respeito ou, se for solteira, um futuro marido.

Nesse contexto aparece, por exemplo, *A noiva prudente, e o marido estragador* que simultaneamente condena os peraltas e exalta a esposa conformada e respeitadora. Partindo da ideia de que os maridos peraltas só podem contribuir para a ruína da família e a infelicidade das esposas, é a esta que cabe mudar o curso dos acontecimentos, mas só é concebível uma atitude mansa e humilde da parte delas. Que a mulher admoestasse o marido, era inaceitável. Nesta comédia a esposa desprezada não permite ao próprio pai criticar o comportamento do marido indigno: «naõ me mortifique, dizendo mal do meu Lidoro, do meu espozo, a fortuna dar-mo quiz, o Ceo prometio, e devo louvar a minha sorte»<sup>54</sup>. A criada da casa, que não suporta o comportamento do amo, comenta a atitude da esposa modelar:

«...quem me dera que estas senhoras cazadas a ouvissem, que por qualquer coiza insignificante, dizem dos maridos o que o demonio naõ disse, em se pilhando em converça humas com as outras, pobres dos homens, elles talvez fazendo-lhe as vontades, e ellas a dizerem mal»<sup>55</sup>.

A preocupação central do autor não é a censura dos peraltas, mas sobretudo a exaltação de um modelo de comportamento feminino sempre confrontado com o anti-modelo: a esposa inconformada. A atitude modelar da esposa acaba por ser recompensada com o arrependimento do marido<sup>56</sup>.

Do mesmo tipo é um conto que correu impresso em papel volante: *Noticia curiosa, e verdadeira do alto estado a que chegou huma mulher, nos confins da Italia, filha de hum lavrador, por sua muita humildade, honestidade, e formosura*<sup>57</sup>. Aqui o marido tenta provocar o desespero da mulher ao infligir-lhe desgostos terríveis, mas ela permanece mansa e respeitadora, alcançando assim o amor e a felicidade. Num outro *papel*, de 1792, depois de azeda discussão, mãe e filha acabam por ceder à vontade do chefe de família que lhes não permite sair de casa. Um vizinho, que viera apoiar o

homem da casa, assegura a felicidade da mulher como prémio da sua submissão:

«Assi vivirá feliz; toda a espoza que não disgosta o seu consorte, passa os seus dias, entre os braços do prazer, e reclinada sem disgosto, da paz no santo regaço»<sup>58</sup>,

e a peça termina com uma recapitulação dos deveres de esposa:

«Senhora seja prudente; olhe com atenção o regimen da sua casa, ponha todo o cuidado, na solida educação da sua familia, instrua os seus domesticos de corte que não seja outro o seu cuidado, mais do que o amar as virtudes, e seja este ensino mais com o exemplo, do que com as palavras; lembre-lhes os seus deveres, e faça que entre todos respire obediencia, amor, e seriedade...»<sup>59</sup>.

Dirigido expressamente às mulheres solteiras é o entremez com o sugestivo título *Conselhos às raparigas para conservarem os amantes, e virem a ser seus maridos*. O método proposto é simples: as raparigas devem ser sérias, honestas e recatadas, porque as desenvoltas, as mulheres da moda, afugentam os possíveis maridos<sup>60</sup>.

O que é significativo é que este entremez revela quão necessária se tornou já a defesa do modelo tradicional de rapariga grave e sisuda. Dois rapazes escolhem para noivas duas moças grifas que ignoram «hum portamento brilhante». Tal escolha provoca o espanto de um criado, o que leva os noivos, isto é, o autor, a defender com denodo a excelência da mulher «honesta, obediente e séria». Quer dizer: está a revelar a existência da predilecção pelo modelo oposto, que, aliás, admite ser partilhada por muitos.

«sabes [...] quaes devem ser as prendas que o homem honrado deve procurar em qualquer senhora a quem busca para sua esposa? são estas: o juizo, o bom regimen da sua casa, a ignorancia de hum portamento brilhante, e só louvão o contrario, homens estupidos, e insensatos»<sup>61</sup>.

Leva-nos a crer, até, que a mulher ideal proposta corre o risco de desaparecer e de deixar de suscitar atracção:

«O precioso dote de huma donzella he a sua conducta, honesta, e seria, isto só basta para a fazer trans-luzir ao través daquellas heroínas, cujo recato ainda hoje se adora, e se venera»<sup>62</sup>.

Não tomemos à letra a insinuação feita com o uso do advérbio. O trecho revela mais o receio do autor do que, por certo, a realidade.

A insistência dos papéis volantes no tema anti-feminino, submissão das esposas, condenação do traço e do convívio social revelam simultaneamente um público ávido dessas normas e a existência dos desvios. Foi certamente difícil às mulheres de baixa extracção social adoptar os novos comportamentos. Todavia, a literatura de cordel, provável única leitura de grandes camadas da população, ao apresentar tipos femininos muito avançados no intuito de os condenar, não deixa de os revelar e divulgar e por certo esses tipos não deixariam também de seduzir parte do público.

Já a um outro nível, que não a literatura de cordel, a insistência na valorização do tradicional modelo feminino, é um facto. Um *Regras para a educação cristã de meninos* vindas a lume em 1783 e um artigo do *Jornal enciclopédico* publicado em Maio de 1790<sup>63</sup> não seriam anacrónicos no século XVII, como provavelmente não o eram também neste sincrético século XVIII.

Nas *Regras* começava-se

«por salientar a condição inferior do seu sexo por estar a mulher directamente ligada ao pecado. Nessa ordem de ideias, lembra-se a inconveniência de uma infância des-regrada na futura mulher. O trabalho doméstico, afastando-as das tentações, era o que convinha o seu sexo. As companhias eram escolhidas pela mãe que não devia deixá-lo [*sic.*] ler romances, comédias, poesias, mas cânticos espirituais, salmos, hinos da igreja, de preferência em francês. A dança não era aconselhável porque era «um laço do demónio» e a música e os concertos tinham igualmente maus efeitos para as jovens — as árias profanas «excitam as paixões, servem de isca à sensuali-

dade». A simplicidade do vestir, o desprezo da beleza e horas certas para deitar e levantar eram outras regras a atender»<sup>64</sup>.

Os «conselhos de um pai a suas filhas», do *Jornal enciclopédico*, enquadraram-se na mesma linha de pensamento:

«salientam a importância da religião na sua formação e no seu comportamento adulto. Entendendo a vida das mulheres votada ao sofrimento, dá-lhes como meio de minimizar esse destino «as consolações da Religião». A vaidade própria do seu sexo, a sua viveza, podiam ser combatidas pela religião. Os livros não religiosos, as conversas profanas deviam ser por elas recusados. Toda a sua atenção seria para os livros de piedade e para as orações, comungando nos dias costumados»<sup>65</sup>.

## 2.2. *Uma imagem negativa do homem*

O pavor suscitado pela sociabilidade heterossexual provoca uma reacção que leva a veicular junto das mulheres uma imagem negativa dos homens.

Em primeiro lugar os homens da moda: seres egoístas, que vivem para o prazer, não convêm a uma mulher. O objectivo é claro: levar as mulheres a preferir os homens prudentes, «de respeito». Condenação absoluta dos homens modernos até porque eles aceitam e preferem as mulheres «libertas». Transmite-se a ideia de que os peraltas ludibriam as mulheres, só pretendem o prazer e recusam o casamento. Vai-se mais longe e afirma-se que esse tipo de homens, se casam, trazem infelicidade à esposa.

«...falo a verdade, se [o pretendente] fosse peralta, nem por quanto ha o queria para marido, estes quebra cabrestos, assim que se pilhaõ senhores, trataõ as pobres mulheres como suas criadas, o ceo me livre de semelhante degredo»<sup>66</sup>.

Assim, tenta-se incutir às mulheres a aversão aos peraltas. Por um lado, é um método tendente a provocar o ostracismo desse tipo que, abandonado, pode arrear caminho, e por outro, tende a impedir o convívio das mulheres com

esses homens, pois tal convívio pervertê-las-á ao iniciá-las na nova forma de estar na vida.

«Aprende de mim, meninas namoradas a não dar credito aos embustes dos Peraltas»<sup>67</sup>.

Mais nítido este pendor anti-masculino em *A sem seremonia, com que os homens enganam as raparigas*<sup>68</sup>. Pretende-se infundir nos ânímos femininos o desprezo pelos homens. Propõe-se às mulheres a ida para o convento, rejeitando as pretensões masculinas.

Diz uma rapariga enganada e que decidira ser freira:

«...em mim tomem exemplo as mulheres loucas, e alucinadas, deenganando-se, em fim, e conheação, que os homens são enganozos, suas juras não tem nada de solidas, nada de verdadeiras, os seus protestos são fingidos, suas promeças fantasticas não lhe dem credito, o preciozo timbre de honra, seja o maior louro que as orne, triunfem sempre dos falsos ardiz com que os homens as pretendem enganar, desprezamos, em fim, que elles abatidos, e envergonhados, fujiraõ bramindo, levando sobre as faces, o escandalozo ferrete do seu vergonhozo delito, deste sorte seraõ felizes, e nunca soffreraõ os enganos, e as traçoens, seu trofeo será brilhante, seu vencimento igual ao meu, e a sua gloria patente a todos, este he o unico meio para que nós (mizeras mulheres, sexo fragil, e debil), não seportemos [...] *A sem seremonia, com que os homens nos costumaõ enganar*»<sup>69</sup>.

### 3. UM DISCURSO MODIFICADO

Verificamos, pois, como o discurso se modifica num esforço de adaptação aos tempos, sustentando, no entanto, o mesmo objectivo: impedir o convívio entre homens e mulheres, retomar a opacidade dos espaços.

O caso mais flagrante é talvez o pensamento de Manuel de Figueiredo<sup>70</sup>. Como vimos, na *Grifaria* Figueiredo bate-se pelo espaço e papéis femininos tradicionais utilizando argumentos e métodos tão ousados como a defesa da liberdade de decisão e actuação das esposas.

Manuel de Figueiredo é bem um filho do seu tempo que, como a sociedade portuguesa dessa época, oscilava entre o mais puro tradicionalismo e a modernidade, entre o catolicismo pós-tridentino e o espírito das Luzes e, relativamente à mulher, se por vezes o vemos revoltar-se com a situação de dependência feminina, vêmo-lo, por outras, defender o *status* antigo. São frequentes na sua obra as contradições teóricas e normativas. Os vários arquétipos femininos propostos opõem-se frontalmente. Tome-se, por exemplo, a personagem Afonsa, tipo que propõe e enaltece em *Alberto Virola*<sup>71</sup> e Erina de *A mulher que o não parece*. São perfeitamente antagónicas.

Afonsa é uma mulher astuciosa e dissimulada, que finge ser ignorante e submissa, defende abertamente a supremacia do marido a quem nunca contradiz mas, sem que ele se aperceba, é ela que determina os acontecimentos. O autor louva-a porque ela zela pelo bem-estar da casa, mantém a aparência da hierarquização dos esposos e a paz no lar. Personalidade oposta é a de Erina, incapaz de mentir, digna e possuidora de amor-próprio. Sem subterfúgios, actua contra a vontade do pai. É uma mulher frontal que diz o que pensa e pensa com uma lógica terrível, não se detendo no facto de demonstrar, pelos seus argumentos, a desonestidade do pai. Como é possível oscilar entre dois tipos tão diferentes?

Fulgência, a heroína de *A grifaria* tem uma personalidade semelhante à de Erina: muito digna, com carácter, raciocinando com lógica, escolhe contra a vontade do marido a forma de vida que considera mais conveniente, recusando abertamente seguir os ditames do esposo, a quem não reconhece grandes capacidades. Nega aos maridos o direito de governarem as mulheres. Tão diferente de Afonsa, é-o ainda mais de D. Joaquina, a esposa modelar de *O passaro bisnáo*. Joaquina, sempre recatada, suporta os piores tratamentos do marido que a espanca e a sujeita, pelas contínuas cenas públicas de ciúmes, à maledicência da vizinhança. D. Joaquina nada faz para alterar a sua situação.

Repare-se ainda no elogio da «Sr.<sup>a</sup> Fulana»<sup>72</sup>. Esta é apresentada como protótipo da mulher digna do seu tempo e, contudo, é tão diferente de qualquer um dos arquétipos de Figueiredo.

O que não se pode negar a Manuel de Figueiredo é um real interesse que o problema da mulher lhe desperta, o que é comum à sua época. Consciente da situação desfavorecida das mulheres, frequentemente as lamenta, mas o peso da mentalidade é grande e Manuel de Figueiredo não deixa seguir o seu pensamento até às últimas consequências.

Ricardo, a personagem modelar de *Fastos de amor e amizade*, justifica as leviandades das raparigas pela sua obsessão em casar. Se as moças iludem os apaixonados, namorando vários em simultâneo, esse procedimento é desculpável porque é o pânico do celibato que as faz «jogar pelo seguro». Até porque ao casar

«...assegurão o decóro,  
Alcanção a liberdade, e o que he mais  
Conseguem, meu Jacob, o *non plus ultra*,  
O triunfo maior, que lhes deixou  
A nossa tyrannia. Que não faz  
Ambição, interesse? Os fins dos homens  
Tem lá comparação! São tão honrados,  
Nem tão justos, tão dignos?»<sup>73</sup>.

Logo, se são levianas, é porque são honradas. Todavia, Ricardo recusa casar com a namorada de vários anos devido ao seu comportamento, que afinal, ele próprio soubera desculpar.

Afigura-se-nos que Figueiredo se debatia entre a austera moralidade tradicional e o seu próprio pensamento, muito mais racional e indulgente. Por outro lado ainda, hesitava entre essa mesma moralidade antiga e o prazer colhido no convívio de mulheres alegres e expansivas. Repare-se nas afirmações do poeta de *O homem que o não quer ser*, uma das obras de Figueiredo que consideramos mais autobiográficas.

Depois de ter recolhido e educado «à moderna» as três raparigas vindas da Santa Casa, declara a dois amigos:

«Confesso-vos que se tivera filhas, a todo o custo as fizera educar naquelle recolhimento, ellas trabalhadeiras, ellas modestas, ellas sem invenção, ellas sabendo fazer tudo, botando-se a todo o trabalho, meigas, cortezes, devotas: aqui he que se perdêrão com as cecias, em que as metti; mas que havia de fazer se á proporção que ellas se hião armando em peraltas, e fazendo desvoltas hia eu perdendo a melancolia, e recuperando a saude?» <sup>74</sup>.

O teatro de Manuel de Figueiredo revela-nos pois um discurso já transformado, mas pela sua quase nula projecção, não exerceu influência. Havia outros autores, contudo, bem mais conhecidos e que podem ter tido algum peso na mudança. Referimo-nos à literatura «de cordel», eminentemente conservadora, mas revelando já aqui e ali opiniões e atitudes justificantes da mudança.

No folheto *Novo entremez do velho namorado, impertinente e enganado* <sup>75</sup>, editado em 1771 e posteriormente em 1784, um velho que quer casar impõe vários critérios para a escolha da noiva: não deverá ter família, não frequentará as casas das vizinhas, não gostará de estar à janela nem de ir a romarias, passeios e festas, não receberá visitas, não fará gulodices e calar-se-á humildemente quando ele ralar. Ora este velho é apodado de impertinente e será ridiculamente enganado: uma vez casada, a noiva que fingira submeter-se às exigências do pretendente, fará o que entende e imporá a sua vontade. A mãe da rapariga zomba do genro: «Pelo que em vossê vejo, e lhe ingemino, / Vinha a zombar do xexo feminino» <sup>76</sup>.

O autor de *O piolho viajante* ao satirizar a figura do cioso, tipificando-o com nítido exagero, comenta:

«Veção quem póde lá amar huma pessoa, que lhe serve de sombra, e que não olha para parte nenhuma, que o não veja! Por mais que se ame, he preciso liberdade: tanto o homem como a mulher tem occasiões de catar a sua pulga [...] e querem ver-se sós [...]: as mulheres não querem amor platónico; mas tambem não querem hum amor de forçado, sempre de braga ao pé» <sup>77</sup>.

Na *Academia dos casquilhos*, escrita por «hum Portuguez afrancezado», as mulheres casquilhas, fúteis e desenhadas não são castigadas pelo seu procedimento e a personagem modelo, o homem lúcido da comédia, encontra palavras indulgentes para elas. Dirigindo-se a um provinciano a quem os novos hábitos da sociedade lisboeta escandalizam, afirma:

«Haveis de perdoar alguma couza á mocidade. Estas raparigas posto que amigas dos espectaculos, e das modas, são filhas de hum homem de bem, honradas e ricas»<sup>78</sup>.

No final o autor dirige-se aos espectadores e àqueles que se identificarem na comédia e pede então perdão pela «publicação do seu retrato»<sup>79</sup>.

Tal atitude, que demonstra um respeito pouco vulgar, neste género literário, pelos peraltas e casquilhos, revela a existência de eventuais reacções negativas por parte do público visado na crítica.

#### 4. REACÇÕES AO DISCURSO

Que os leitores, e entre estes as mulheres, reagem perante a imagem que deles traçavam, está patente não só no teatro «de cordel», género que desenvolve com o público uma relação mais íntima, como em obras de maior fôlego literário. Manuel de Figueiredo nos seus prólogos e «Discursos», revela-o. Afirma este autor no «Discurso» de *As irmãs*:

«...todas as Portuguezas se puzeraõ de ponta comigo desde que lêrão o Prologo do meu theatro, e tem ido a mais a sua colera, não obstantes as grandes satisfações, que tenho dado ao sexo na maior parte dos dramas já compostos, quando escrevi o Prologo; são inexoraveis! Não julguem porém que para reconciliar-me com ellas lhes fiz como lisonja, nas Fabulas, que imaginei depois, o mesmo, que antes lhes tinha feito por dívida, e por justiça»<sup>80</sup>.

Procura Figueiredo aplacar as mulheres, afirmando que elas estão em dívida para com ele e tenta, de facto, lisonjeá-las ao apelar:

«E dêem-me ainda atenção, e ouçam-me as discretas; mas se as minhas Patricias são as que lêem este Discurso, he ocioso e epithéto; basta dizer ouçam-me»<sup>81</sup>.

e conclui

«eu até á data desta ainda não vi. [...] resolução, ou constancia em homem algum, que me fizesse inveja [...]; em mulheres, a todo o instante, e em quaesquer mulheres [...], ellas sem forças, e sem manejo na administração do Mundo, estão na posse de governallo em grande, como cada huma o domina em particular, ditando, e fazendo executar a Lei àquelle mesmo, que nascêra para ser tyranno, ou para que ellas lhes fossem sujeitas; n'uma palavra, ao Homem»<sup>82</sup>.

Preocupação em evitar o desagrado feminino verifica-se na significativa alteração do título de *Les femmes savantes*, a que já aludimos. No «Discurso» de *O jogador*, depois de caracterizar as personagens de *Les femmes savantes* e elogiar o carácter de Henriqueta e Martinha (mulheres de espírito retrógrado que se opõem às Preciosas), comenta:

«He por isto que eu me rio quando ouço dizer *juizo de mulheres!* Se me dissessem sciencia de mulheres, fallando absolutamente, e na minha terra, onde não cultivão por educação o espirito: sempre havia de olhar para quem o dizia, mas vá. Porém o que está nas funções da Natureza! Não só me rio, mas envergonho-me, porque me salta huma daqui, e outra dalli com hum repente, com hum reparo, com hum sorriso, com huma critica, com huma penetração, e viveza, que eu não vejo em nós»<sup>83</sup>.

Seria Figueiredo sincero ou não passaria de lisonja para aplacar as iras que a tradução de *Les femmes savantes* poderia ter provocado?

Reacções pontuais das mulheres às normas propostas pelo teatro «de cordel» e o reconhecimento do poder coactivo deste, estão documentados nos próprios papéis volantes.

Na *Nova palestra em que as senhoras da moda entretem as tardes do sermão*<sup>84</sup>, uma mulher reage à apologia da obediência da mulher casada:

«Diga, mana, não leio este papel, que sahio da dezordem da mulher com o marido por não querer, que ella jogasse o Entrudo? Aquela historia sempre teve seu principio: vio a rezolução do maridinho? E não teve a pobre mulher, outro remedio, senão estar por tudo o que elle quiz! Eu estou admirada! Se fosse comigo eu he que havia mandar»<sup>85</sup>.

Brites, uma criada, comenta com uma colega a imagem transmitida pelos papéis volantes sobre os membros da sua classe profissional:

*Brites.* [...] leu estes papeis das cozinheiras, veja o estado a que chegaraõ as nossas semelhantes, a andarem empregao pelas bocas dos cegos?

*Jacopina.* Para os comprar pedi a meus amos o dinheiro á conta da minha soldada: e seria tudo quanto ellas disseraõ, verdade?

*Brites.* Quem sabe! Eu creio que não, que ha de ser? Aquillo saõ modos viventes para ganharem algum vintem»<sup>86</sup>.

Ainda na *Nova palestra* [...], a personagem que se insurgira com a propaganda da submissão da esposa, revela ser condicionada pelos papéis volantes. Lamenta que uma sátira de um folheto a tenha obrigado a abandonar o uso de mantinhos de tafetá preto (no tal folheto os mantinhos haviam sido comparados a máquinas voadoras e uma dama levantara voo):

«...depois que sahio o tal papelinho, nunca mais me tornaraõ á cabeça; tinha medo que pela rua os rapazes me dissessem: oh menina, largue a maquina, olhe o vento não a leve pelos ares»<sup>87</sup>.

É extremamente difícil, pela carência de fontes, avaliar o grau de consciencialização das mulheres. São sem dúvida reveladores os argumentos atribuídos às personagens femininas, mas podem caracterizar tipos demasiado avançados e ainda pouco representativos. Os autores moralistas têm ten-

dência para exagerar a incidência dos fenómenos que criticam. Uma questão põe-se desde já: por que se verifica, ao que sabemos, e à excepção de um *Tratado sobre a igualdade dos sexos [...] dedicado às senhoras ilustres de Portugal, por um amigo da Razão*<sup>88</sup>, um vazão de obras feministas no último quartel do século? Por que razão Paula da Graça e Gertrudes Margarida não tiveram continuadoras? Exclusiva responsabilidade da Censura? De facto, vimos que a Real Mesa Censória impediu a apologia das mulheres modernas. Ainda em 1802, quando já se permitiam novelas amorosas<sup>89</sup>, foi escusado, um tanto inexplicavelmente<sup>90</sup>, um livrinho traduzido do francês, intitulado precisamente, *Apologia das mulheres*.

Contudo, pensamos que não é correcto atribuir a responsabilidade exclusiva à Censura. Talvez não estejamos longe da verdade ao conjecturarmos o seguinte: no último quartel do século as mulheres viviam a euforia de uma mundana educação e sociabilidade. As actividades lúdicas divulgavam-se e diversificavam-se. Os papéis femininos tendiam à monomania da vida social. Assim, é possível que as mulheres se tenham reduzido a seres mundanos, expansivos, mas fúteis, um tanto vácuos e se sentissem compensadas neste novo papel que lhes esconderia alegremente a persistente situação de inferioridade<sup>91</sup>.

---

#### NOTAS:

<sup>1</sup> *Op. cit.*, pp. 207-210. Cf. Noël Salomon, *Recherches sur le thème paysan dans la «comedia» au temps de Lope de Vega*, Institut d'études ibériques et ibéro-américaines de l'Université de Bordeaux, 1965, pp. XIX-XX, 913-916.

<sup>2</sup> Cf. Marie-Hélène Piwnik, *op. cit.*, pp. 40 e sgts.

<sup>3</sup> Concordamos com Marie-Hélène Piwnik quando conclui não ser este fenómeno conhecido na época em Portugal, mas a autora inclina-se a pensar, o que não é correcto, que não chegou a existir entre nós a figura do chichibéu. Os outros temas suprimidos foram: cultura inglesa, condenação do jogo e elogio das viagens como meio de formação.

<sup>4</sup> N.º 9, 1752.

<sup>5</sup> Por esse motivo se analisa *O Anonymo* neste capítulo e não no cap. I.

<sup>6</sup> N.º 10, 1752, p. 75.

<sup>7</sup> N.º 2, 1754.

<sup>8</sup> N.º 8, 1754.

<sup>9</sup> *Assembleia ou partida* in *op. cit.*, vol. II, p. 99.

<sup>10</sup> Oposição já patente no teatro barroco espanhol — cf. José Antonio Maravall, «La comédie espagnole et la stratification sociale à l'âge baroque» in *Problèmes de stratification sociale*. Actes du Colloque International (1966) publiés par Roland Mousnier, Paris, P.U.F., 1968. pp. 264-265.

<sup>11</sup> «Se virdes huma Dama mui composta, / Affetando desdem, posta á janella; / Meus amigos Maltezes, olho nella, / Que para o casamento está disposta: // Se disser que de versos muito gosta, / Pensando que esta prenda a faz mais bella; / Fazei-lhe dar bastante á taramella, / Ouvireis lindas cousas em resposta: // Se vaidosa ostentar de fidalguia, / E fallar hum Francez grego enxertado: / Não lhe falteis com sua senhoria: // Mas fugi de tomar com ella estado, / Que haveis só por ter dote nesse dia, / Hum xale, humas anquinhas, hum riçado», José Daniel Rodrigues da Costa, *Petas da vida* [...], cit., p. 3.

<sup>12</sup> *A noiva prudente, e o marido estragador*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787. p. 12.

<sup>13</sup> *O divertimento das noites de Inverno*, cit., p. 2.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>15</sup> *Ver infra*.

<sup>16</sup> *Modo de emendar a dezordem da mulher com o marido. pela não deixar jogar o Entrudo* [...], cit., p. 16. O «modo» utilizado foi a ordem oficial de reclusão, perante a qual a mulher se declarou inteiramente arrependida e disposta a mudar de vida.

<sup>17</sup> *Misturadas de Lisboa temperadas á moda* [...], cit., p. 11.

<sup>18</sup> *Op. cit.*, pp. 13, 184.

<sup>19</sup> *Discursos moraes, e evangelicos sobre vicios e virtudes [...] para instrucção da vida christã*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1783, pp. 364-366.

<sup>20</sup> Veja-se sobre a acção da Censura: José Timóteo da Silva Bastos, *História da censura intelectual em Portugal: ensaio sobre a compressão do pensamento português*, 2.ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1983 (1.ª ed. 1926); António Ferrão, *A censura literária durante o governo pombalino (subsídios para a história do pensamento em Portugal)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926; Violeta Crespo de Figueiredo, «Papéis volantes do século XVIII — 5. Mulher», cit., p. 63; Maria Adelaide Salvador Marques, «A Real Mesa Censória e a cultura nacional — aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Vol. XXVI, 1964, pp. 1-207; António Coimbra Martins, «Pombal e Molière», cit.; António Coimbra Martins, «As versões pombalinas de Molière reprovadas pela Real Mesa Censória» in *Pombal revisitado*, cit., vol. II, pp. 189-245; José da Costa Miranda, «Teatro manuscrito, em língua portuguesa, rejeitado pela Mesa Censória (século XVIII)», *Critério. Revista mensal de Cultura*, Lisboa, ano I, n.º 7, Outubro de 1976, pp. 37-40, 62-63; José da Costa Miranda, «Teatro no tempo do Marquês de Pombal: divertimento e poder» in *Pombal revisitado*, cit., vol. II, pp. 271-286; Graça Almeida Ro-

drigues, *Breve história da censura literária em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação e Ciência, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980. Muito lamentamos o facto de não nos ter sido possível consultar a obra de L. M. Carreira, *Le théâtre et la censure en Portugal dans la seconde moitié du XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, trabalho dactilografado, 1976, que, muito embora anunciada a sua publicação (em tradução portuguesa) pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, nos informam não ter sido ainda distribuída. Encontrar-se-ão nesse estudo, seguramente, bons elementos para o tema que tratamos.

<sup>21</sup> Parecer de Fr. Luis do Monte Carmelo ao *Entremez dos dous Lacayos* que, por lhe faltarem essas características, não obteve licença de impressão (A.N.T.T., *Censura*, 1771, n.º 2, p. 1).

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, n.º 96, p. 7.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, n.º 90, p. 5.

<sup>24</sup> «ministerios, que se devem respeitar, e não redicularizar», (*idem, ibidem*, 1772, n.º 58).

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, 1775, n.º 52. Os censores consideram-se com frequência espíritos mais avançados do que os autores propostos à sua aprovação. Acontece então serem proibidas certas obras precisamente porque as consideram retrógradas. É o caso de comédias cujo «estilo he summamente affectado, como o das Comedias Hespanholas» (*Idem, ibidem*, 1772, n.º 9, fl. 6, cens. 2), ou lembram ainda o gosto barroco («A comedia intitulada *As lagrimas da Belleza são as Armas que maes vencem*, logo pelo assumpto se dá a conhecer por indigna deste século — *idem, ibidem*, 1770, n.º 128, fl. 7) ou então quando o conteúdo e/ou a linguagem são demasiado obscuros para um século que se quer esclarecido: não foi autorizada a publicação de uma *Vida milagrosa de Santa Tareja da Villa de Ourem* [...] porque «he indigno de imprimir-se em hum seculo tam illuminado» (*idem, ibidem*, 1777, n.º 53) nem a comédia *Acertos de hum disparate*, que é considerada «hum perpetuo Disparate, de huma fantasia corrupta, onde se não encontrão senão frioleiras, e invirisemilhanças, e huma frase summamente chula e indecente, e como tal alheia do gosto e polidez que hoje reina e sempre devia reinar nos Dramas, que se compoem para o divertimento publico de huma nação civilizada» (*idem, ibidem*, 1769, n.º 19). É também o caso, e por razões de sobrevivência política, da *Apologia a favor do R. P. Antonio Vieira*, de Soror Margarida Inacia (ver *supra*).

<sup>26</sup> Nela «interpoem os collectores o seu juizo, e decidem com justiça imparcial, segundo o seu merecimento. O que acaba de fazer esta obra digna de se manifestar ao publico, hê não conter coiza contra a Igreja, nem contra o Estado; antes por ser huma parte completa da Historia Literaria do Reyno de França, pode servir de instrucção aos que se quizerem applicar a ella» (*idem, ibidem*, 1771, n.º 36).

<sup>27</sup> «Esta obra [...] não tem coiza que se opponha á nossa Santa fé, e bons costumes» (*idem, ibidem*, 1780, n.º 12).

<sup>28</sup> «Eu não descobro em toda esta obra couza, que emba-  
race a sua publicação» (*idem, ibidem*, 1781, n.º 30).

<sup>29</sup> O censor, Frei Luís de Santa Clara Póvoa, conta toda a história, o que lhe ocupa três páginas de papel almaço. Em resumo: uma jovem fidalga inglesa, educada em colégio interno, conhece um homem cujas qualidades a fazem apaixonar. Assim, depois de alguma hesitação, resolve escrever-lhe, pedindo-o para esposo. O censor apressa-se a esclarecer: «Não procederaõ, nem conversações [*sic*] amorosas, nem rogos e instancias de 3.<sup>as</sup> pessoas, que lhe excitassem esta intensa e efficaz paixão: Ella mesma se inclinou a Monseur Durval, observando a sua devoção, a sua prudencia e a sua modestia» e finaliza o seu longo parecer: «E depois de varios lances de fortuna, ja prosperos, ja adversos, em que nunca houve a mais leve sombra de obscenidades, antes sim muitas açõs virtuosas, honradas, e edificantes, sobressaindo a cada passo a moral mais sólida», acabam por casar (*idem, ibidem, Censura*. 1777, n.º 103).

Apesar do extremo cuidado com que o tema é tratado pelo censor, revela já um certo avanço relativamente a um parecer dado em 1769 sobre um papel intitulado *Eleição, e avisos para cazados*, cuja publicação se proíbe por nele se afirmar ser Deus o padrinho do primeiro casamento, dever existir entre os casados «hum amor afervorado como os ardores do fogo», ser o amor «a alma dos casamentos, grilhaõ das vontades, columna das firmezas» (*idem, ibidem*, 1769, n.º 24, fl. 7, Cens. 1). De facto, era inaceitável fazer depender do amor a continuidade da vivência conjugal, relegando o aspecto primordial da indissolubilidade de um sacramento.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, 1768, n.º 112, Cens. n.º 3.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, 1768, n.º 112, Cens. n.º 4.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, 1769, n.º 17, fl. 2.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, 1769, n.º 147.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, 1770, n.º 147.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, 1774, n.º 28.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, 1777, n.º 4.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, 1777, n.º 111.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*. 1782, n.º 2.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, 1782, n.º 7. No processo: *Madame Maite-non*. Como observa Coimbra Martins, «é arriscado emitir um juízo sobre a tolerância ou obscurantismo da Real Mesa Censória. O juízo depende muito do campo do estudo, e dos termos de comparação. Se fizermos a lista do que a Real Mesa proibiu, temos a impressão, pelo número e muitas vezes qualidade das obras reprovadas, de um rigor tenebroso. Se considerarmos o que deixou passar, temos em muitos sectores a impressão de que a reforma do sistema censório representou uma súbita e capital abertura» («As versões pombalinas de Molière reprovadas pela Real Mesa Censória», cit., p. 234).

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, 1783, n.º 26.

<sup>41</sup> Trata-se de Claude-Prosper-Jolyot de Crébillon [1707-1777], autor também do já referido *Le hazard du coin du feu*.

*Lettres de la marquise* [...] é a correspondência apaixonada entre a marquesa, que é casada, e o conde de R...O censor julga o livro «indigno de andar pelas mãos da mocidade. Elle pode servir de exemplar para se formarem cartas semelhantes que são na realidade opostas, ao que nos ensina a Santa Religião que professamos» (A.N.T.T., *Censura*, 1783, n.º 28).

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, 1787, n.º 26, cens. n.º 1.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, 1787, n.º 26, cens. n.º 3.

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, 1787, n.º 26, cens. n.º 4.

<sup>45</sup> «...He bem verdade, que ella se explica pelos termos os mais comedidos, de que talvez se possa uzar em semelhantes materias; mas não obstante todo este comedido, as suas expressões ainda servem de escandalo; ainda offendem as leis da modestia, da honestidade, e da pureza» (*idem, ibidem*, 1788, n.º 31).

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, 1788, n.º 38.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, 1788, n.º 52, fl. 6-6 v.º. É de autoria de Mlle. d'Albert.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, 1789, n.º 26, fl. 12.

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, 1790, n.º 2.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, 1790, n.º 44.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, 1791, n.º 2: «O *Tratado do divorcio*, que V. Mgd. me mandou ver, e dar conta nesta Meza he obra, que pela força de huma suastica eloquencia podera cauzar muitas dezordens assim na sociedade civil, como na sociedade ecclesiastica, se se comunicar a todo o mundo. Nelle estabelece o seu author por primeiro principio que o matrimonio fora instiuido [*sic.*] por Deos para felicidade dos homens. Daqui infere, que todas as vezes que os consortes se não julgarem felices [...] poderaõ dissolver o contrato, e contrahir com outro consorte».

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, 1791, n.º 23: «O titulo della só basta para se mostrar o seu merecimento, e para mostrar, se he ou não interessante ao publico»; «He verdade, que em toda esta obra não se encontrão expressões claramente impuras, e deshonestas», mas «...a sua leitura, especialmente pela novidade, pode concorrer para algumas acções menos honestas».

<sup>53</sup> *Idem, ibidem*, 1788, n.º 35.

<sup>54</sup> *A noiva prudente, e o marido estragador*, cit., p. 2. Os mesmos conselhos na *Carta de prudentes dictames que escreveu certa senhora a hum tio seu pedindo-lhe anciosamente algumas direcçoens ou conselhos para poder tolerar a má vida, com que seu marido a tratava. Resposta que se lhe deo E tudo o mais que verá O Curioso Leitor*, datada de 1765 e na *Carta que mandou certa Senhora a hum seu Compadre pedindo-lhe conselhos, e direcçoens para poder tolerar a má vida, com que seu marido a tratava. E Resposta, que se lhe manda. Aconselhando-a a viver conforme a vontade de Deos e de seu marido*, datada de 1769 (*apud* Violeta Crespo de Figueiredo, «Papéis volantes do século XVIII — 5. Mulher», cit., p. 62).

<sup>55</sup> *A noiva prudente, e o marido estragador*, cit., pp. 4-5.

<sup>56</sup> O mesmo tema com a mesma solução na comédia de Fr. José de Santa Rita, *A mulher sabia, e prudente*, cit., que,

provavelmente, terá servido de modelo, e em *O casamento de huma velha com hum peralta*. Aqui o discurso moralista acentua a crítica ao peralta que casa por razões materiais e à velha néscia que acreditou no amor do jovem. Mas também ela é proposta como esposa modelar, conformada. Este entremez revela-se uma excepção no seu pendor indulgente relativamente à mulher idosa que buscou o amor. Transformada em boa esposa, acaba por ter a recompensa. Em *As desordens dos tafues* de José Daniel Rodrigues da Costa aparece-nos, um tanto paradoxalmente dadas as radicais opiniões anti-femininas do autor, o único exemplo em que é recomendada a intervenção da mulher no sentido de castigar o marido. Este, jogador inveterado que conduz a sua casa à ruína, é entregue à justiça pela esposa. O jogador é degredado para a Índia e a mulher retira-se para um recolhimento — «A moral nos dá remedio, / E diz, que a mulher casada, / Se viver neste tormento, / Ou açoites no marido, / Ou quando não hum degredo» (in *Theatro comico de pequenas peças*, T. III, cit., p. 129).

<sup>57</sup> Lisboa, Ignacio Nogueira, 1764.

<sup>58</sup> *A grande conceenda, que teve a mulher com o marido, pella não deixar hir ver as barbas do cacho d'uvas. Ou o fruto do bom conselho*, cit., p. 16.

<sup>59</sup> *Idem*, loc. cit..

<sup>60</sup> A mesma ideia, por exemplo, no *Piolho viajante*, cit., ao apelar às moças solteiras: «Ah raparigas, tomaí juízo, sereis mais felizes, sereis mais respeitadas, e não ficareis tantas para tias» (T. III, p. 14).

<sup>61</sup> *Op. cit.*, pp. 8-9.

<sup>62</sup> *Idem*, p. 9.

<sup>63</sup> *Apud* Teresa Bernardino, *Sociedades e atitudes mentais em Portugal (1777-1810)*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, pp. 108, 110.

<sup>64</sup> *Idem*, pp. 110-111.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>66</sup> *A grande bulha e dezordem dos amantes dentro do Passeio Publico*, cit., p. 9.

<sup>67</sup> *Novo entremez dos desprezos de hum filho Peralta a seu pai; ou sophismas, com que enganou a sua criada*, Lisboa, Antonio Gomes, 1789, p. 15.

<sup>68</sup> Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787. Ver a lei de 6 de Outubro de 1784, *Ordenações Filipinas*, ed. cit., liv. 4, p. 1029.

<sup>69</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>70</sup> Um exemplo posterior da transformação do discurso ao nível da argumentação, mantendo inalterável o objectivo final, podemos encontrá-lo em Garrett (Cf. *Da educação: Cartas dirigidas a uma senhora illustre encarregada da instituição de uma jovem princeza*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, viúva Moré Editora, 1867), que, não reconhecendo (ou não admitindo publicamente) incapacidades intelectuais na mulher relativamente ao homem, baseia a sua recusa da mulher erudita, autora, estadista, na vocação natural da mulher à maternidade. A mulher, para Garrett, deve ser confinada

ao lar e à dependência do homem porque nasceu para ser mãe, não por ser destituída. O autor, homem inteligente e culto e filho de outra época, não caía na grosseria de negar capacidades à mulher. Apela então à natureza. O que não deixa de ser paradoxal é considerar que quanto mais evoluída é uma sociedade mais natural ela é. Garrett refere-se às sociedades selvagens afirmando não se distinguirem aí as funções dos homens e das mulheres, classificando-as por essa característica como anti-naturais. Não podemos deixar de nos questionar sobre a sinceridade desta argumentação.

<sup>71</sup> In *Theatro* [...], T. V, pp. 214-294.

<sup>72</sup> Cf. *supra*.

<sup>73</sup> In *Theatro* [...], T. III, p. 80.

<sup>74</sup> *Idem*, T. XI, p. 74.

<sup>75</sup> Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1784.

<sup>76</sup> *Idem*, p. 13.

<sup>77</sup> *Op. cit.*, T. II, pp. 109-110.

<sup>78</sup> *Op. cit.*, p. 45.

<sup>79</sup> *Idem*, p. 49.

<sup>80</sup> In *Theatro* [...], T. VI, Lisboa, Impressão Regia, 1804, pág. inumerada.

<sup>81</sup> *Idem*.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

<sup>83</sup> In *Theatro* [...], T. VII, p. 148.

<sup>84</sup> Lisboa, Domingos Gonsalves, 1786.

<sup>85</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>88</sup> *Tractado sobre a igualdade dos sexos, ou elogio do merecimento das mulheres* oferecido e dedicado às senhoras ilustres de Portugal por hum amigo da Razão, Lisboa, off. Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1790.

<sup>89</sup> A.N.T.T., *Censura*, 1792, n.º 3, 7.

<sup>90</sup> A obra obteve pareceres favoráveis tanto do Ordinário (18/6/1800), como da Inquisição (29/9/1800) e do Desembargo do Paço (7/4/1802), mas foi escusada por despacho de 8 de Abril de 1802 — A.N.T.T., *Censura*, 1802 (30).

<sup>91</sup> A legislação pombalina agravou a condição das mulheres portuguesas, nomeadamente no que diz respeito ao direito sucessório. Pela lei de 17 de Agosto de 1761, as filhas de casas nobres ficaram excluídas da herança da legítima, sempre que existissem filhos do sexo masculino, entre os quais se repartiam os bens (*Ordenações Filipinas*, ed. cit., vol. 3, pp. 1031-1033). Esta determinação, que se applicava apenas à sucessão de descendentes do grupo social mais elevado, não deixou de constituir, a par de toda a legislação sucessória de Pombal, uma «violenta solução de continuidade com o direito das nossas Ordenações» (L. Cabral Moncada, «O «Século XVIII» na legislação de Pombal», *Boletim da Faculdade de Direito*, ano IX, n.ºs 81-90 (1925-1926), 1926, p. 188). A razão do afastamento das mulheres nobres da herança familiar, contrariamente às outras disposições sucessórias pombalinas,

«não deve ser procurada nas doutrinas do direito natural, que nesta matéria sancionava, como é sabido, a igualdade entre os herdeiros na partilha sem distinção de sexos ou de idade; [...] aqui foram principalmente razões de ordem política que impuzeram uma tal doutrina, como manifestamente ressalta do preâmbulo da lei de 1761» (*idem, ibidem*, pp. 199-200). As filhas, excluídas da herança, ficavam apenas com direito ao sustento, enquanto vivessem solteiras sob a alçada dos irmãos. D. Maria I, cerca de um ano após a sua aclamação, suspende todas estas disposições pelo decreto de 17 de Julho de 1778 (*Ordenações Filipinas*, ed. cit., vol. 3, p. 1036).

As viúvas (de qualquer escalão social) que pretendessem contrair segundas núpcias, foram severamente atingidas. Fica estabelecido pela lei de 9 de Setembro de 1769 (*idem*, pp. 1040-1041): aquelas que tivessem filhos ou netos e idade inferior a 50 anos, eram «desapossadas dos bens das legítimas Paternas e Maternas desses Filhos ou Netos e de quaesquer outros a elles pertencentes, nomeando-se para elles pela Meza do Desembargo do Paço hum Administrador chão e abonado, no caso de serem menores; e sendo maiores, se lhes entregue desde logo tudo o que lhes pertenceria, se mortas fossem as referidas Mães». Tendo as viúvas 50 anos ou mais, far-se-ia inventário dos bens, sendo proibida qualquer alienação e contracção de dívidas. Conservavam o usufruto dos bens «salva a substancia dos mesmos bens a favor dos Herdeiros legítimos agnados, ou cognados». Os bens não seriam comunicados ao marido. Esta mesma lei estabelecia disposições diferentes para os viúvos (com filhos) que recasassem: qualquer que fosse a sua idade, teria de se proceder à feitura de inventário de todos os bens, que não podiam ser alienados e o viúvo era obrigado a «assegurar com caução de indemnidade as legítimas, que nos taes bens tocarem ao Filho, ou Filhos do dito primeiro Matrimonio», de forma a impossibilitar o desvio e a alienação. Contudo, não eram os viúvos desapossados dos seus bens. Todas estas determinações, tanto as que se referem às viúvas, como aos viúvos, foram igualmente revogadas pelo citado decreto de D. Maria (*idem*, p. 1038).

As leis pombalinas sobre o sistema matrimonial agravaram, também, a condição das mulheres. A lei de 17 de Agosto de 1761, a mesma que distituía da herança as filhas da nobreza proibia também a atribuição de dote às noivas desta ordem social (exceptuando-se as damas da rainha e as noivas já herdeiras). Para a sua nova casa, a recém-casada só podia levar enxoval de roupa branca no valor máximo de 4 mil cruzados e absolutamente mais nada. Se enviuvasse, uma vez que já não dispunha de dote, era-lhe destinada a décima parte dos rendimentos anuais da casa, com o que se pagava o seu sustento até à morte ou à realização de segundas núpcias. Como bem observa Maria Beatriz Nizza da Silva, «Pode parecer à primeira vista que a mulher nobre continuava protegida pela nova legislação [...]. Mas na verdade a sua segurança era muito menor, uma vez que a sua sustentação, em vez de ser uma renda segura dependente apenas

de uma proporcionalidade em relação ao dote e do que ficara estabelecido no contrato ante-nupcial, dependia agora do bom ou mau uso que o marido tivesse feito em vida dos seus bens» («A legislação pombalina e a estrutura da família no antigo regime português», cit., p. 407). Mais uma vez, pelo decreto de 17 de Julho de 1778, ficou suspensa a proibição do dote.

Teria sido por influência de D. Maria, monarca-mulher, que estas leis foram revogadas? Até que ponto ela foi ou não a inspiradora destas alterações? Perguntas que terão de ficar em suspenso.

## BALANÇO FINAL

Chegados aqui, resumamos as conclusões a que pudemos chegar e reflectamos um pouco sobre elas.

A segunda metade do século XVIII pode ser considerada uma época de crise, de mudança, no que se refere à sociabilidade, aos espaços e papéis femininos. Uma transformação desta natureza não podia surgir, e não surgiu, *ex nihilo*: foi preparada por obras apologéticas várias e por tímidas tentativas de sociabilização das mulheres durante a primeira metade da centúria; está enquadrada no espírito das Luzes que invade Portugal «um tanto de roldão»<sup>1</sup> e se generaliza na segunda metade do século; e deve realmente alguma coisa à acção pragmática do marquês de Pombal que, não estando propriamente interessado em favorecer as mulheres, se empenhou no «polimento» do seu país e daí a sua intervenção no sentido de divulgar o hábito de recepções sociais e de passeios, o civilizado convívio ao ar livre, a proibição do «bárbaro» luto imposto às viúvas e a intenção (que não chegou a concretizar) de sociabilizar as mulheres nobres solteiras.

Mas a conquista de uma nova sociabilidade, cuja característica fundamental era relacionar em alegres convívios homens e mulheres doravante parceiros do mesmo jogo, foi também, em grande parte, uma contribuição feminina (as mulheres não estavam fora do seu tempo). Esta conquista provocou transformações no quotidiano, nos espaços feminino e masculino e na imagem da sociedade e dos papéis sociais dos

dois sexos. Papéis sociais que, no caso das mulheres, foram diferentes consoante o grupo social em que se inseriam e o estado civil de cada uma.

Frise-se, contudo, que persistiram sempre os tipos de mulheres e homens cujas vidas decorriam ainda segundo os parâmetros de inícios do século. É difícil, se não impossível, abalçar-mo-nos a um cálculo da proporção entre os dois tipos antagónicos, mais a mais os tipos híbridos deviam abundar. Que os contemporâneos estavam conscientes de uma profunda modificação no que respeitava ao lugar ocupado pela mulher na sociedade, é um facto: «O sexo feminino hoje figura».

As mulheres, grupo social embora desarticulado, favorecidas pelo ambiente socio-mental, abriram, pois, um período de tensão, conflitos e solução de continuidade no relacionamento do discurso normativo (que as enquadrava) com as práticas sociais que passaram a adoptar. Representando-se a si próprias como seres sociáveis — para quem o entretenimento, a alegria de viver, o domínio de dotes culturais e artísticos, a convivência com mulheres e homens e a recusa da estrita submissão ao marido se assumiram como formas de realização pessoal —, impuseram ao outro sexo a reformulação das suas representações sobre a mulher, sobre si próprio e sobre o relacionamento dos sexos ou obrigaram-no a contestar os papéis que a mulher se atribuía a si e ao homem.

Reflecta-se agora no que tudo isto provocou a um nível mais profundo. Utilizemos um mito que pertence à nossa memória, como também pertencia à memória das mulheres e dos homens do século XVIII: uma vez mais o relato do primeiro pecado. Citemos as próprias palavras do *Génesis*:

«Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto, e *precioso para esclarecer a inteligência*, agarrou do fruto, comeu, deu dele a seu marido, *que estava junto dela*, e ele também comeu»<sup>2</sup>.

Como já foi salientado, serviu este episódio como explicação teológica da maldade intrínseca da mulher e responsa-

bilizou-a por todo o mal e sofrimentos humanos; por outro lado, justificava a sua situação social dependente, pois como ser mau, deveria sofrer o castigo e como perigoso (porque mau), deveria manter-se afastado dos homens e dos seus centros de poder.

Se perspectivarmos o mito com as nossas actuais matrizes valorativas, o seu significado simbólico seria precisamente o inverso do que foi proposto durante milhares de anos. Senão repare-se: o pecado de Eva foi a desobediência provocada pela ambição sacrílega de se igualar a Deus ou, como diremos hoje, foi o desejo de saber, de aumentar as suas capacidades intelectuais. Eva, dotada de iniciativa, actuou. Adão, passivamente, assistiu e imitou.

Uma época que valorize as qualidades de obediência, passividade e humildade em todos os crentes face a Deus e nas mulheres relativamente aos homens, só pode execrar o comportamento de Eva, que assim se impõe como um anti-modelo, e só pode ser exemplar uma personalidade como a de Maria. Eva e Maria — dois pólos opostos. Será preciso perguntar qual é o modelo do nosso século? Então, que agentes transformadores romperam de forma tão radical os quadros mentais que envolviam a mulher, levando-nos actualmente a erigir Eva como modelo? E quando e como surgiram as primeiras brechas nesses quadros mentais?

Ora, a nossa conclusão vai no sentido de atribuir ao século XVIII e à mutação dos papéis femininos dessa época a responsabilidade da abertura (aqui em Portugal) das tais primeiras brechas, a audácia dos primeiros passos que, sem dúvida, foram frequentemente desconexos, hesitantes, medrosos, sem rumo ou com um rumo que hoje consideraríamos frívolo. Não dizemos, porque não seria correcto, que os valores mudaram substancialmente nessa centúria, não dizemos que no século XVIII se preferisse Eva a Maria. Pelo contrário. O modelo ideal mantinha-se, mas as atitudes, as reacções mudaram. As reacções estavam já em muitos aspectos em contradição com os valores que ainda se sustentavam. E, por isso, o discurso normativo actuou em força. Havia que lembrar os valores sempre celebrados, havia que mostrar a

contradição das actuações. As mulheres não conseguiriam alterar substancialmente a sua condição enquanto não desmantelassem a armação mental em que ainda viviam. E foi a esse desmantelamento que assistimos no nosso século XX. Entre eles, homens e mulheres do século XVIII e nós próprios, há um fosso profundo, duas mentalidades em confronto.

Philippe Ariès, tentando definir o conceito de *mentalidade* e de *história das mentalidades*, utiliza dois episódios que nos vão também ajudar a explicitar o nosso pensamento: Francisco I, ao regressar de madrugada aos paços reais depois de ter partilhado as horas da noite com uma concubina, ouve os sinos de uma igreja e, com toda a devoção, entra e assiste à missa. Sua irmã, Margarida de Navarra, escreve uma obra de contos licenciosos e uma outra de versos espirituais sem manifestar pela autoria da primeira escrúpulos muito prementes<sup>3</sup>. Como explicar estas duas atitudes? Nós, seres de finais do século XX, tê-las-íamos tomado?

«Le fait que nous ne pouvons plus nous comporter aujourd'hui avec la même bonne foi et le même naturel que nos deux princes du XVI<sup>e</sup> siècle, dans les mêmes situations, indique précisément qu'un changement de mentalité est intervenu entre eux et nous. Ce n'est pas tant que nous n'ayons plus les mêmes valeurs, mais les réflexes élémentaires ne sont plus les mêmes. Voilà à peu près ce que nous entendons, depuis Lucien Febvre, par «attitudes mentales»<sup>4</sup>.

Portanto: a atitude mental não diz respeito, necessariamente, aos valores, mas aos «reflexos elementares». Entre o século XVIII e nós próprios houve, em relação à mulher, uma alteração de valores, mas, e é isto que temos vindo a insinuar, entre o século XVII e os finais do século XVIII houve uma mutação de atitudes mentais. A partir do 3.º quartel de setecentos, e nitidamente no último, as atitudes espontâneas das mulheres eram outras, mais próximas até das nossas do que das do século anterior. As reacções mais reflexas são de rebeldia, de expansividade, de curiosidade, de desenvoltura — as «primeiras brechas» a que nos referimos —, e, no entanto, continuavam a aceitar os valores tradi-

cionais. Viam em Maria a mulher ideal (a mulher submissa, modesta, silenciosa, pacífica, temerosa), um arquétipo que a nós nada nos diz. É neste sentido que consideramos o final do século XVIII um período que para as mulheres foi uma vivência em contradição, o que, de facto, caracteriza a mentalidade dessas mulheres, porque a contradição só nós, duzentos anos depois, é que a detectamos.

Coimbra, 2 de Junho de 1988.

---

NOTAS:

<sup>1</sup> António Coimbra Martins, «Luzes», *cit.*, p. 837.

<sup>2</sup> Gn. 3, 6 (itálicos nossos).

<sup>3</sup> «L'histoire des mentalités» in *La Nouvelle Histoire*, Paris, C.E.P.L., 1978, p. 403.

<sup>4</sup> *Idem, loc. cit.*

## FONTES E OBRAS DE CONSULTA

### 1 — FONTES

#### 1.1. *Impressas*

##### 1.1.1. Livros

- ABRANTES, Duchesse de (Laure Adelaide Constance Saint-Martin Permon) — *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, de 1808 a 1811, Paris, Olliviers, 1827.
- AIRES, Matias — *Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna*, prefácios, fixação do texto e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
- ALMEIDA, Cristóvão de — *Oração funebre nas exequias da senhora D. Ignacia da Sylva [...] no anno de 1667*, Lisboa, Joam da Costa, 1668.
- ALORNA, Marquesa de — *Inéditos — Cartas e outros escritos*, selecção, prefácio e notas de Hernani Cidade, Lisboa, Sá da Costa, 1941.
- ALORNA, Marquês de Fronteira e d' — *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por êle próprio em 1861*, revistas e coordenadas por Ernesto de Campos Andrada, 5 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926-1932.
- O Anonymo, *repartido pelas semanas, para divertimento, e utilidade do publico*, 1752-1754.
- ANDRADA, Diogo Paiva de — *Casamento perfeyto [...]*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1726.
- ANTIGUA, Soror Maria de la — *Desengaño de religiosos, y de almas que tratan de virtud*. Tercera impression, Barcelona, Joseph Llopis, 1697.
- ARAÚJO, José de — *Reflexoens apologeticas à obra intitulada Verdadeiro metodo de estudar [...] expeditas para desagravo*

- dos portugueses, Valensa, Antonio Balle — Nicolau Francez Siom, 1748.
- ASCENSÃO, Luís de — *Serman nas exequias da excellentissima senhora D. Bernarda Caetano Lobo, Condessa de Orióla, Baronesa de Alvito [...], em 28 de Março de 1687*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1688.
- ATOUGUIA, Condessa de (D. Mariana Bernarda de Távora) — *Memorias da ultima condessa de Atougua — Manuscrito autobiografico inedito*, com um estudo preliminar do P. Valerio A. Cordeiro, Pontevedra, S. Teresa, 1916.
- BARBOSA, José — *Catalogo chronologico, historico, genealogico, e critico das rainhas de Portugal e seus filhos*, Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727.
- BARETTI, José — *Portugal em 1760. Cartas familiares (XV a XXXVIII)*, Lisboa, Barata & Sanches, 1896 (traduzida do italiano por Alberto Telles).
- BECKFORD, William — *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, introdução e notas de Boyd Alexander, tradução e prefácio de João Gaspar Simões, 2.<sup>a</sup> ed. revista, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.
- BELÉM, Frei Jerónimo de — *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves [...]*, 3 tomos, Lisboa, Parte I, off. Ignacio Rodrigues, 1750; Parte II, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1753; Parte III, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1755.
- BLÉGNY, Etienne de — *Les elemens ou premiers instructions de la jeunesse [...]*, Nouvelle edition, Paris, G. Cavelier, Pere.
- BLUTEAU, Rafael — *Vocabulario portuguez e latino*, 9 vols., Tomos I-IV, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Tomos V-VIII, Pascoal da Sylva, Suplemento, Joseph Antonio da Sylva, 1712-1727.
- BOMBELLES, Marquis de — *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788*, édition établie, annotée et procédée d'une introduction par Roger Kann, Paris, PUF, Centre Culturel Portugais, 1979.
- CARNEIRO, Frei José de S. Cirilo — *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos franceses e sobre o ornato das mulheres*, Lisboa, Impressão Regia, 1811.
- CARTAXO, Frei António de S. Francisco de Paula — *Discursos moraes, e evangelicos sobre vicios, e virtudes [...] para instrucção da vida christã*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1783.
- CASTELO BRANCO, Antónia Margarida de — *Autobiografia (1652-1717)*, publicada e pretaciada por João Palma-Ferreira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CÉU, Soror Maria do — *Obras varias e admiraveis*, Lisboa, Manoel Fernandes da Costa, 1735.
- CÉU, Soror Maria do — *Aves ilustradas, em avisos para as religiosas servirem os officios de seus Mosteiros*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1734.
- CHAVES, Castelo-Branco (tradução, prefácio e notas) — *O Portu-*

- gal de D. João V visto por três forasteiros, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.
- COSTA, Felix José da — *Ostentação pelo grande talento das damas contra seus emulos*, Lisboa Occidental, Pedro Ferreira, 1741.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Theatro Cómico de pequenas peças*. Lisboa, Thaddeo Ferreira, 1798.
- COSTIGAN, Arthur William — *Lettres sur le gouvernement, les moeurs et les usages en Portugal*, Paris, L. A. Piton, 1810 (traduzido do inglês).
- DALRYMPLE, Major William — *Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774 avec une relation de l'expédition des espagnols contre les algériens, en 1775, par [...] , traduit de l'anglais, par un officier français*, Paris, 1783.
- ELÍSIO, Filinto — *Líricas e Sátiras*, prefácio e notas de Joaquim Ferreira, Porto, Ed. Domingos Barreira, s.d..
- FEYJÓO Y MONTENEGRO, Frei Benito Jeronimo — *Suplemento de el Theatro critico universal*, Madrid, Herederos de Francisco de el Hierro, 1740.
- FERREIRA, João Palma (selecção de) — *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — *Viajantes espanhoes em Portugal*. Textos do século XVIII publicados e prefaciados por [...]. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, LXXXIV (Letras n.º 3), 1947.
- FIGUEIREDO, Francisco Coelho de — *Recordações e reflexões in Theatro de Manuel de Figueiredo, T. XIV*, Lisboa, Impressão Regia, 1815, pp 281-677.
- FIGUEIREDO, Francisco de Paula de — *Sermões*, Lisboa, Impressão Regia, 1803.
- FIGUEIREDO, Manuel de — *Obras posthumas de [...]*, 2 vols., Lisboa, Impressão Regia, 1804 e 1810.
- FIGUEIREDO, Manuel de — *Theatro de Manoel de Figueiredo*, 14 vols., Lisboa, T. I e II, Of. Typographica, T. III-XIV, Impressão Regia, 1775-1815.
- FROMENTIERES, Messire Jean-Louis de — *Sermons de [...]*, Tomo III, Paris, Jean Couterot, 1699.
- GARÇÃO, Pedro António Correia — *Obras completas*, fixação do texto, prefácio e notas de António José Saraiva, 2 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958.
- GARCIA MERCADAL, José (recopilação, tradução, prologo y notas) — *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, vol. III, Madrid, Aguilai, 1962.
- GARRET, Almeida — *Da educação: Cartas dirigidas a uma senhora illustre encarregada da instituição de uma joven prinzeza*, 2.ª ed., Porto, Viuva Moré Editora, 1867.
- Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 1715-1744.
- GORANI, José — *Portugal — a corte e o país nos anos de 1765 a 1767* (traduzido, prefaciado e anotado por Castelo Branco Chaves), Lisboa, Atica, 1945.

- GUSMAO, Alexandre de — *Cartas*, introdução e actualização do texto por Andréa Rocha, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- HERCULANO, Alexandre — «Manifesto da Associação Popular promotora da Educação do Sexo Feminino ao Partido Liberal Português—1858», in *Opusculos*, vol. II, Lisboa, viuva Bertrand, 1873, pp. 243-337.
- Jornal encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral, com noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Lisboa, Julho de 1779, Junho-Dezembro de 1788, Janeiro-Dezembro de 1789.
- LEÃO, Duarte Nunes de — *Descrição do Reino de Portugal [...]*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1785 (1.<sup>a</sup> ed. em 1610).
- LIMA, Fernando de Castro Pires de — *A mulher vestida de homem (contribuição para o estudo do romance «A donzela que vai à guerra»)*, Coimbra, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho — Gabinete de Etnografia, 1958.
- LINK, Heirinch Friedrich — *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799, suivi d'un essai sur le commerce du Portugal*, 2 vols., Paris, Levrault, Schoell et C<sup>tes</sup>, An. XII — 1803 (traduit de l'Allemand).
- MENEZES, D. Francisco Xavier de (4.<sup>o</sup> Conde da Ericeira) — *Diário de [...] (1731-1733)*, apresentado e anotado por Eduardo Brazão, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1943.
- MENEZES, Maria Antónia de São Boaventura, e — *Deliciozo e novenario exercicio*, escrito pela excelentissima senhora D. [...] dado á luz por huma devota, Porto, Francisco Mendes Lima, 1764.
- Monstruosidades do tempo e da fortuna*, ed. dir. por Damião Peres, 4 vols., Porto, 1938-39.
- MORAES SILVA, António de — *Diccionario da lingua portuguesa [...]*, 2.<sup>a</sup> ed., 2 vols., Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813.
- MURPHY, James — *Voyage en Portugal a travers les provinces d'entre Douro et Minho, de Beira, d'Estramadura et d'Alenteju, dans les années 1789 et 1790 [...]*, 2 vols., Paris, Chez Denné jeune, 1797 (traduzido do inglês).
- OLIVEIRA, Cavaleiro de (Francisco Xavier de) — *Recreação pe-riódica*, prefácio e tradução de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922 (tradução do *Amusement Périodique*, publicado em 1751).
- OLIVEIRA, Cavaleiro de (Francisco Xavier de) — *Cartas familiares*, selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942.
- Ordenações Filipinas*, ed. fac-similada, 3 vols., Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- ORTA, Teresa Margarida da Silva e — *Aventuras de Diófanes, imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Telemaco*, por Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira, Lisboa, Off. Typographica, 1777 (1.<sup>a</sup> ed.: 1752).

- PADILHA, Pedro Norberto d'Aucourt e — *Memorias historicas geograficas e politicas observadas de Pariz a Lisboa [...]*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1746.
- PINA, Luís de — «Plano para a educação de uma menina portuguesa do século XVIII (no II Centenário da publicação do *Método* de Ribeiro Sanches)», *Cale*, Porto, Revista da Faculdade de Letras do Porto, vol. I, 1966, pp. 41-46.
- Piolho (O) viajante divididas as viagens em mil e huma carapuças [...]*, 4 vols., Lisboa, T. I, Typographia de J. F. M. de Campos, 1826, T. II, Impressão da Livraria Neves e filhos, 1821; T. III — ?, T. IV, Imprensa Nevesiana, 1837.
- PIWNIK, Marie-Hélène (lecture, introduction et notes de) — *O Anónimo. Journal portugais du XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Centro Cultural Português, 1979.
- QUENTAL, Bartolomeu do — *Serman funebre naç exequias da excelentissima senhora D. Leonor Maria de Menezes condeça de Atouguia [...]*, Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1665.
- RATTON, Jacome — *Recordaçoes de [...] sobre occurrencias do seu tempo em Portugal durante o lapso de sesenta e tres annos e meio, alias de Maio de 1747 a Setembro de 1810 que rezidio em Lisboa [...]*, Londres, H. Bryer, 1813.
- REMÉDIOS, Mendes dos (revisão e prefácio) — *Escritoras doutros tempos — Extractos das obras de Violante do Ceo, Maria do Ceo e Madalena da Gloria com revisão e prefácio de [...]*, Coimbra, França Amado Editor, 1914.
- RODRIGUES, Graça Almeida — *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740)*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983. Antologia: pp. 121-203.
- RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal (1798-1802)*, tradução do suco por António Feijó, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.
- SANCHES, António Ribeiro — *Cartas sobre a educação da mocidade*, reedição revista e prefaciada por Maximiano de Lemos, Coimbra, 1922, (1.<sup>a</sup> ed.: 1760).
- SANTA ANA, Joaquim de — *Sermão que na profissão, e veo de soror Francisca Margarida de Jesus Maria Jozé [...]*, Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1746.
- SANTA CATARINA, Frei Lucas de — *Anatomico jocoço, que em diversas operaçoens manifesta a ruindade do corpo humano, para emenda do vicioso [...]* pelo Padre Fr. Francisco Rey de Abreu Matta Zeferino, Lisboa, Manoel Alvarez Solano, 1755.
- SANTA CLARA, Joaquim de — *Sermão do Santissimo Coração de Jesus recitado [...] em 11 de Junho de 1790 [...]*, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1791.
- SÃO FRANCISCO, Luíis de — *Sermão nas exequias da serenissima Rainha de Portugal D. Luíza Francisca de Gusman, celebradas na Se de Leiria no anno de 1666 [...]*, Lisboa, Joam da Costa, 1667.
- SÃO PEDRO, Soror Maria Madalena de — *Noticias fielmente relatadas dos custosos meyois por onde veyo a este Reino de Portugal a Religião Brigítana [...] escritos pela Madre [...]*

- dadas á luz [...] pela madre Soror Marianna Josefa da Goloria*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1754.
- SILVA, António Delgado da — *Collecção da legislação portugueza desde a ultima compilação das Ordenações redegida pelo desembargador [...]*, 6 vols., (1750-1762, 1763-1774, 1775-1790, 1791-1801, 1802-1810, 1811-1820), Lisboa, Typografia Maigrense, 1830, 1829, 1828, 1828, 1826, 1825.
- SILVA, António Dinis da Cruz e — *O Hissope*, introdução e notas de Joaquim Ferreira, Porto, Ed. Domingos Barreira, s.d.
- SILVA, Antonio José da (O Judeu) — *Obras completas*, prefácio e notas de José Pereira Tavares, 4 vols., Lisboa, Sá da Costa Editora, 1957-1958.
- SILVA, José Soares da — *Gazeta em forma de carta* (anos de 1701-1716), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1933.
- SIOM, Nicolau Francês — *Reflexoens apologeticas a obra intitulada Verdadeiro metodo de estudar [...] expendidas para desagravo dos portuguezes [...]*, Valensa, Antonio Balle, 1748.
- STEELE, Richard (publicado por) — *Bibliothèque des dames, contenant des regles générales pour leur conduite, dans toutes les circonstances de la vie*. Ecrite par une Dame & publiee par [...]. Traduite de l'Anglais, T. 3. Amsterdam, François Changuion, 1724.
- TOLENTINO DE ALMEIDA, Nicolau — *Sátiras*, selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa, R. da Rosa, 1941.
- TRANCOSO, Gonçalo Fernandes — *Contos & histórias de pro-veito & exemplo*, edição fac-similada da impressão de 1575, com introdução de João Palma-Ferreira, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.
- VERNEY, Luís António — *Verdadeiro método de estudar*, ed. organizada por António Salgado Júnior, vol. V, Lisboa, Sá da Costa, 1952.
- VIEIRA, Padre António — *Oração funebre que disse o R. Padre [...] no anno de 1649. Nas exequias da senhora D. Maria de Ataíde, filha dos condes de Atouguia, dama do Palácio*, Lisboa, Domingos Lopes Rosa, 1650.
- VITÓRIA, D. Mariana — *Cartas da rainha [...] para a sua família de Espanha [...]* apresentadas e anotadas por Caetano Beirão, I (1721-1748), Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936.
- VIVES, Juan Luis — *Instrucción de la mujer cristiana*, Buenos Aires, España - Calpe Argentina, 1944 (publicado em latim em 1524 e em castelhano a partir de 1528).

### 1.1.2. Papéis Volantes

- *A aldeia de loucos*, José de Aquino Bulhoens, 1789.
- *O alfayate, e a adella*, Lisboa, Antonio Gomes, 1792.
- ALMEIDA, Henrique de Sousa e — *Raras astucias do amor*, 1791.
- *Os amantes amarrados ou a namorada da moda*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1784.

- *Os amantes desconfiados*, Lisboa, Francisco Sabino dos Santos, 1777.
- *Os amantes engraçados por novo jogo de amor*, Lisboa, s. ed., 1787.
- ANTAS, Leonardo José Pimenta e — *A ambição dos tartufos invadida*, Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo, 1770.
- ANTAS, Leonardo José Pimenta e — *Assembléa do Isque*, Lisboa, Filipe da Silva e Azevedo, 1784 (há outra edição de 1770: Antonio Rodrigues Galhardo).
- ANTAS, Leonardo José Pimenta e — *Os cazadinhos da moda*, Francisco Luiz Ameno, 1784.
- ANTAS, Leonardo José Pimenta e — *Chocalho dos annos de D. Lesma*, Lisboa, Officina Patriarcal, 1783.
- AQUINO, Tomás José d' — *Incizam joco-seria, anatomica, critica, feita no corpo Lisbonense peraltico*, pelo licenciado Damazio Montoja Queimaço e pelo mesmo autor reduzida a dialogo entre as figuras seguintes [...], Lisboa, Manuel Coelho Amado, 1771 (outra ed. com o título *Acto anatomico no corpo da peraltice*, Lisboa, Felipe José de França e Liz, 1790).
- *Assemblea fantastica, ou quem o alheo veste, na praça o despe*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d..
- *A assembléa rafada, ou a triste aventura das meninas, que á força queria ser tafues*, Lisboa [sic.], Antonio Gomes, 1793.
- ASSUNÇÃO, Soror Arcângela Maria de — *Festivo applauso, em que huma religiosa como pastora, e os anjos como musicos, no convento de N. Senhora da Conceição das Religiosas da Senhora Santa Brigida, no sitio de Marvila, celebraraõ o nascimento do Menino Jesus* por [...]. Dado à estampa com as notas, por hum seu obrigado, Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva, 1737.
- *A astucioza ideia, com que o creado enganou o amo para o casamento do peralta, que se fingio velho, e inimigo de jogar o entrudo*, Lisboa, Filipe José de França e Liz, 1790.
- AVELAR, José Soares de — *Loucuras da moda: comedia composta por Luiz Alvares, e Azeredo em Lisboa no anno de 1774*, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1783.
- *Basofia no publico e a fome escondida*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d..
- *A beata fingida*, Lisboa, Lino da Silva Godinho, 1789.
- BRANCO, Francisco José — *A mayor briga do amor e desafio entre quatro; Causa huma flor, e hum retrato* [...], Lisboa, Pedro Ferreira, 1747.
- *A bulha do marido com a mulher, por cantar a Ratazana*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1785.
- *A casa do café*, Lisboa, João Baptista Alvares, 1768.
- *O castigo bem merecido á peraltice vaidozza*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d..
- *O castigo que deo o marido á mulher cazamenteira, pela desordem de sua familia ou a segunda parte do pai zeloso da honra*, Lisboa, Filipe da Silva e Azevedo, 1789.

- *A caza de dança ou theatro da mocidade ocioza*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1783.
- *O casamento de huma velha com hum peralta, e a má vida, que elle lhe deu*, Lisboa, Domingos Gonsalves, s.d..
- *Cazamento por nova ideia*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1792.
- *Os chapeos, popas, e atafaes da moda*, Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo, 1790.
- *Conselhos às raparigas para conservarem os amantes, e virem a ser seus maridos, s.e., s.l., s.d.*
- *As convulsões, desmaios, e disgostos, de huma peralta da moda, na infausta morte do seu cãozinho chamado Cupido. Obra celebre, divertida, e de gosto a todas as apaixonadas dos ditos dingues*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1786.
- CORREIA, André António — *Prégação de João Coelho feita aos senhores maridos da moda para consolação das coitadas das mulheres [...]* por Pantaleão Pato Pires de Pinto [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1787.
- CORREIA, André António — *Segunda parte da prégação de João Coelho feita ás senhoras mulheres da moda para consolação dos coitados dos maridos [...]* por Pantaleão Pato Pires de Pinto [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1787.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *O Caes do Sodré in Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Os carrinhos da feira da luz, composta por [...]*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784 (outra ed. in *Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798).
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *A casa desordenada, in Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *As desordens dos Tafúes in Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Esparrello da moda. Parte primeira. Pequena peça ludica e moral. Composta por [...]*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1784 (outra ed. in *Theatro comico de pequenas peças [...]* T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798).
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *A junta dos cabelleireiros*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, s.d. (outra ed. in *Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798).
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *O mão rabeca, ou o chá de tres chicharas. Composta por [...]*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784 (outra ed. in *Theatro comico de pequenas peças*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798).
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *A menina discreta da fabrica nova in Theatro comico de pequenas peças [...]*, T. III, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1798.

- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Misturadas de Lisboa temperadas á moda, pratinho em que todos tem o seu quinhão, ou a segunda parte dos Opios que tem descuberto* [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1786.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Modas do tempo descubertas na quarta parte dos Opios por* [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1788.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Opios que dão os homens e as senhoras na cidade de Lisboa huns aos outros, tirados da experiencia do author* [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1786.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da — *Petas da vida, ou a terceira parte dos Opios por* [...], Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1788.
- COSTA, José Leite da — *Dezempenho festivo ou triumphal apparatus com que os illustres bracharenses, pelas ruas da Augusta Braga, tirarão a publico o eucharistico mannã da ley da Graça [...] soberano corpo de Christo sacramentado [...]*, Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram, 1729.
- *A cozinheira amoroza*, Lisboa, Antonio Gomes, 1792.
- *A dama prezumida por querer sempre andar à moda*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1784.
- *A defeza das madamas a favor das suas modas, em que deixão convencida a paraltisse dos homens*, Lisboa, Antonio Gomes, 1792.
- *Definicion del cortejo* [...], Malaga, Herederos de D. Francisco Martinez de Aguilar, s.d. (escrito em 1789).
- DESENGANO, Frei Amador do — *Espelho critico, no qual claramente se veem alguns defeitos das mulheres, fabricado na loja da verdade pelo Irmão [...], que pôde servir de estimulo para a reforma dos mesmos defeitos*, Lisboa, Antonio da Silva, 1761.
- *Despique da mulher casada, que teve as disputas com seu marido, pela não querer levar ver as luminarias e o fogo. Em que se mostra o grande trabalho, que outra mulher desabusada teve em convencer a seu marido, que a pertendia levar violentamente a passear*. Obra utilissima a todos, e mais a todas, que arrastarem a vil cadêa da vida licenciosa, e libertina, Composta pelo mesmo author da *Relação das disputas*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1785.
- *Os disgostos que teve huma scia de Lisboa, por amor do seu amante*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1789.
- *Disputa divertida, das grandes bulhas, que teve hum homem com sua mulher, por lhe não querer deitar huns fundilhos n'uns calções velhos*. Obra Allegre, e necessaria para toda a gente, que for cazada, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1789 (outra ed.: Lisboa, Antonio Gomes, s.d.).
- *O divertimento das noites de Inverno*, Lisboa, Jose de Aquino Bulhoens, 1789.
- DUFOND, João Robert — *Academia dos casquilhos*, Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo, 1789.

- *Empertinencias que as mulheres tem com os pobres maridos*, Lisboa, Antonio Gomes, 1790.
- *Escola de casados*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1781.
- *A farofia mallograda, das madamas sem vintem*, Lisboa, João Antonio da Silva, 1797.
- FERREIRA, José da Silva — *Novo entremez das mantilhas* [...], Lisboa, Caetano Ferreira da Costa, 1772.
- *Figuraõ da paraltice*, Lisboa, Felipe da Silva e Azevedo, 1787.
- *As filhozes do entrudo feitas em caza de Pantufo Rombo sapa-teiro, e sua mulher Mona Xorina, com assistencia de seus compadres Sergio Caroso, barbeiro e sua mulher Tramoia Morena*, composto pelo A. da R., Lisboa, João Antonio da Silva, 1785.
- *A formidavel briga, e escaramuça, que tiveram na feira duas adelas, e huma saloia sobre as anquinhas de arame*. Obra muito util, e indispensavel a todas as Senhoras Peraltas, que se empregão vaidosamente no estudo das modas. Dado á luz por hum curiozo investigador das vidas alheias, e socio da Academia dos Entrevados, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1787.
- *As girias das cozinheiras, e a paciencia das amas*, Lisboa, Off. Morazziana, 1786.
- GRAÇA, Paula — *Bondade das mulheres vindicada e malicia dos homens manifesta. Papel metrico, e apologetico, em que se defende a femenina innocencia contra outro em que injustamente se arguê a sua maldade, com o título de malicia das mulheres*, composto pelo zelo de [...], natural da vila de Cabanas, e assistente nesta corte, Lisboa, Pedro Ferreira, 1743 (1.ª ed.: 1715?).
- *A grande bulha, e desordem, que teve huma saloia com huma secia de Lisboa por amor do peralta seu filho*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1792.
- *A grande bulha, e dezordem dos amantes dentro do Passeio Publico*, Lisboa, Domingos Gonsalves, s.d.
- *A grande bulha e dezordem, que teve a mulher com o marido, pela não deixar hir ver os cavalinhos*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1791.
- *A grande bulha, e dezordem, que teve a mulher com o marido pela não deixar ir ver os arrelequins*, Lisboa, Antonio Gomes, 1793.
- *A grande bulha que teve huma mulher com o seu marido por deitar o dinheiro nas sortes, e lhe sahir em branco*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787.
- *A grande bulha, e dezordem sem pés nem cabeça, ou o ranchinho ao Caes do Sudré, em as noites de Veraõ, e de Luar*, s.l., Antonio Gomes, s.d.
- *A grande contenda, que teve a mulher com o marido, pella não deixar hir ver as barbas do cacho d'uvas, ou o fruto do bom conselho*, Lisboa, Antonio Gomes, 1792.
- *A grande desordem de huma velha com hum peralta por não querer casar com ella*, Lisboa, Antonio Gomes, 1790.

- *A grande dezordem que teve o marido com a mulher por não querer que trouxesse o tupete á marrafe*, Antonio Gomes, 1791.
- *Guerras de Manjaricão e Vergamota ou o oiteiro noturno*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d.
- *Honesto passatempo de entrudo, ou novo jogo de palavras para desterrar enfarinhadelas, molhadelas, e rabolevas deste tempo*. I e II Partes, Lisboa, Filippe da Silva e Azevedo, 1789.
- *As impertinencias das mulheres, e a paciencia dos maridos*, Lisboa, Domingos Gonsalves, s.d.. Outra ed. de 1792 (Lisboa, Francisco Borges de Sousa).
- *As industrias das mulheres*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d. (outra edição com o título *O tutor namorado, ou as industrias das mulheres*, Lisboa, Lino da Silva Godinho, 1788).
- *Industrias de Celestina para lograr os amantes atoleimados*, Lisboa, José de Aquino Bulhoens, 1791.
- *As industrias dos casquilhos, critico, e moral pelas reflexoens, que se fazem sobre os que gastoão mais, do que as suas possibilidades, e não querem sujeitarse, a trabalhar*, Lisboa, Filippe da Silva e Azevedo, 1786.
- JESUS, Gertrudes Margarida de — *Primeira carta apologetica em favor, e defeza das mulheres escritas por Dona [...] ao Irmão Amador do Dezengano, com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho critico*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1761.
- *Jocoço acontecimento de huns noivos no dia do seu noivado*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787.
- *A jornada de Bem-Fica, feita em burrinhos á moda*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1791.
- *O macaco guarda portão, ou o demo em caza da alfacinha*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1783.
- MAIA, Manuel Rodrigues — *Raio poetico sobre as desordens e abusos, que os Libertinos, e Gullosos indevidamente tem introduzido no dia de São Martinho [...]*, e dada à luz por Matusio Matoso Matos da Mata, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1786.
- *A manhã de S. João na praça da Figueira*, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1792.
- *O marido de bom humor; e o velho passeador*, Lisboa, Francisco Sabino dos Santos, 1772.
- *As mascaras d'Almada*, Lisboa, Francisco Sabino dos Santos, 1773.
- *Os mixiricos das mulheres*, Lisboa, João Antonio Reys, 1794.
- *O miseravel enganado*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1788.
- *Modo de emendar a dezordem da mulher com o marido, pela não deixar jogar o entrudo. E a bulha da velha com os rapazes por amor dos rabos levas*, Lisboa, Domingos Gonsalves, s.d..
- *Modo de enganar as velhas, quando são mui rabugentas*, Lisboa, Antonio Gomes, 1791.
- *A mulher da moda ou a nobreza por mania*, por hum bom entendedor, 2 partes, Lisboa, Antonio Gomes, 1790.

- *A mulher reformada, e o marido satisfeito. Obra alegre, moral, e recreativa*, Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo, 1785.
- *As mulheres vencem quando querem, e o amante caçador*, Lisboa, Francisco Sabino dos Santos, 1733.
- NERA, Joam Teodoro de — *Methodo pratico, com que as senhoras mulheres assistem nos Templos, principalmente no tempo dos Sermoens, o qual jocoseriamente se expoem para correção de taõ estranhos abuzos, etc.*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1760.
- *A noiva prudente, e o marido estragador*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787.
- *Noticia curiosa, e verdadeira do alto estado a que chegou huma mulher, nos confins da Italia, filha de hum lavrador, por sua muita humildade, honestidade e formosura*, Lisboa, Ignacio Nogueira, 1764.
- *Nova comedia de hum engenho portuguez denominada assemblea*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1781.
- *Nova palestra em que as senhoras da moda entretem as tardes do sermaõ*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1786.
- *O novelleiro extravagante e o poeta vaidozo [...]*, Lisboa, Typographia Universitaria, 1789.
- *Novo entremez da mulher extravagante e do amante desesperado*, Lisboa, Antonio Gomes, 1790.
- *Novo entremez das trapalhadas do tollo desesperado, e da mulher logrativa*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1787.
- *Novo entremez dos desprezos de um filho peralta a seu pai; ou sophismas, com que enganou a sua criada*, Lisboa, Antonio Gomes, 1789.
- *Novo entremez do velho namorado, impertinente e enganado*, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1784 (outra ed. de 1771).
- *Novo entremez do velho surdo e o poeta e das peraltas pobres, que para irem passear fizeraõ algibeiras de hum ceiraõ, e duas canastras; o dezastre que lhes succedeo a todos com o çapateiro rabugento*. Offerecido a todas as senhoras, que uzaõ das mantas mouriscas e de algibeiras grandes por seu autor Chupa Dinheiro, Lisboa, Filippe da Silva e Azevedo, 1787.
- *Novo modo de se jogar o entrudo. E o calote que pregou o lacaio ao velho furtando-lhe a cozinheira*, Lisboa, s. ed., 1787.
- *O paravilho afortunado pela loucura da mulher fingida*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1789.
- *A partida forçada, ou assemblêa da moda, e os toucados á marráfe*, Lisboa, Antonio Gomes, 1789.
- *Os peraltas mascarados em Almada*, Lisboa, Antonio Gomes, 1790.
- *O peralta vaidozo, e o velho presumido*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1789.
- *Os premios que dá amor aos que sam amantes firmes*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787.
- *Quanto soffre, quem se caza, e o remedio para naõ soffrer*, Lisboa, Antonio Gomes, 1792.

- *Quem quizer rir, pague e leia, ou os freguezes do Cais do Sodré*, Lisboa, Filippe da Silva e Azevedo, 1786.
- *O Regimento dos Cazados para bem poder viver, a mulher com seu marido*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1789.
- SANTA RITA, Fr. José de — *Mulher sabia e prudente do Muito Reverendo Padre [...]*, Lisboa, João Baptista Alvares, 1768.
- *A sem seremonia, com que os homens enganam as raparigas*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1787.
- *A Sociedade da moda*, Lisboa, Francisco de Sousa, 1789.
- *Os suspiros da dama, porque nam foi ver os touros*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1785.
- *Tractado sobre a igualdade dos sexos, ou elogio do merecimento das mulheres* oferecido e dedicado às senhoras illustres de Portugal por hum amigo da Razão, Lisboa, off. Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1790.
- *Os tres cazamentos*, Lisboa, José da Silva Nazareth, 1772.
- *O uso das alcachofras, e maquinas volantes*, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1785.
- *O velho honrado e prudente*, Lisboa, Domingos Gonsalves, 1788.
- *O velho presumido e enganado, e por fim chorando, e vendo*, Lisboa, Antonio Gomes, s.d..

## 1.2. MANUSCRITAS

- Biografia de Benta Inácia, BNL, Cx. 143, doc. 156.
- CARVALHO, Padre Francisco Domingos de — *Vida da insigne serva de Deus Ursula de Vilhena*, BNL, cod. 79.  
*Censura* (Pareceres)— A.N.T.T.
- DAMIANA, Soror — Autobiografia, BNL, Cx. 143, doc. 154.
- JESUS, Madre Soror Maria Teresa de — Autobiografia, BNL, Cx. 143, doc. 155.
- SANTA CATARINA, Rosa Maria de — Autobiografia, BNL, cod. 8029.
- SÃO BERNARDO, Madre Maria Michaela de — *Vida interior da [...] religiosa do Real Mosteyro de S. Dionisio de Odivellas da Ordem de S. Bernardo dando conta ao seu confessor. Principiou a VI de Agosto de MDCCXXXI*, BNL, cod. 540.
- *Serman do gloriozo Santo Alexo*, escrito pello singular engenho de huma senhora relegioza do Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Esperança desta cidade de Lisboa no anno de 1699. — BGUC, Ms. 325, pp. 63-92.
- *Vida da veneravel irman Antonia Joaquina da Madre de Deus, Carmelita descalça, hua das fundadoras do convento de S. Jose da villa da Allagoa, reino do Algarve*, BNL, cods. 1228-1229.

## 2 — OBRAS DE CONSULTA

- AGULHON, Maurice — *Pénitents et francs-maçons de l'ancienne Provence. Essai sur la sociabilité méridionale*, Paris, Fayard, 1984.

- ALER GAY, Maribel — «La Mujer en el discurso ideológico del catolicismo» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 232-248.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de — Casamento, sexualidade e pecado — os manuais portugueses de casamento dos séculos XVI e XVII, *Ler História*, Lisboa, Ed. Salamandra, n.º 12, 1988, pp. 3-21.
- ALMEIDA, Luís Ferrand de — «Alexandre de Gusmão em Paris: uma carta inédita (1716)», *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, Fac. Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, Tomo XX, 1983, pp. 223-242.
- ALMEIDA, Luís Ferrand de — *A propósito do «Testamento político» de D. Luís da Cunha*, Coimbra, Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 1948, separata da *Revista Portuguesa de História*, T. III.
- ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e — «Subsídios para a história da mulher» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 271-288.
- ANDERSON, Michael — *Elementos para a história da família Ocidental 1500-1914*, Lisboa, Editorial Querco, 1984 (traduzido do inglês).
- ANDRADE, A. A. Banha de — *Verney e a projecção da sua obra*, Lisboa, Ministério da Cultura e da Educação, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Cultura Portuguesa, 1980.
- ARIÈS, Philippe — «L'histoire des mentalités» in *La Nouvelle Histoire*, Paris, C.E.P.L., 1988, pp. 402-423.
- ARON, Jean-Paul (présenté par) — *Misérable et glorieuse la femme du XIX<sup>e</sup> siècle*, Bruxelles, Editions Complexe, 1984.
- AVANÇO, Geremias — «Tema da 'peraltice' do teatro de Correia Garção ao autor do drama *Pequena peça intitulada Figurão da Peraltice*», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII, (n.ºs 65-66), 1974, pp. 58-74.
- AZEVEDO, J. Lúcio de — *O Marquês de Pombal e a sua época*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Anuario do Brasil, 1922.
- BADINTER, Elisabeth — *O amor incerto. História do amor maternal (do século XVII ao século XX)*, Lisboa, Relógio d'Água, s.d. (traduzido do francês).
- BADINTER, Elisabeth — *Um e o outro*, Lisboa, Relógio d'Água, s.d. (traduzido do francês).
- BARATA, José Oliveira — «Algumas notas sobre o estatuto social da mulher no teatro» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986.
- BARRETO, Mascarenhas — *Corrida. Breve história da Tauromaquia em Portugal*, s.l., ed. autor, 1970.

- BASTO, A. de Magalhães — *Da vida e dos costumes da sociedade portuguesa no século XVII*, Porto, 1940, separata do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. III, fas. IV.
- BASTOS, José Timoteo da Silva — *História da Censura Intelectual em Portugal: Ensaio sobre a compressão do pensamento português*, 2.ª ed., Lisboa, Moraes editores, 1983 (1.ª ed.: 1926).
- BEBIANO, Rui — *D. João V — poder e espectáculo*, Aveiro, Liv. Estante Editora, 1987.
- BERNARDINO, Teresa — *Sociedade e atitudes mentais em Portugal (1777-1810)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- BLOCH, RUTH — «Untangling the roots of modern sex roles: a survey of four centuries of change», *Signs*, vol. 4, num. 2, Winter 1978, pp. 237-252.
- BLONDEL, MADELEINE — *Images de la femme dans le roman anglais de 1740 a 1771* — thèse présentée devant l'université de Paris III, le 21 juin 1975, 2 vols., Lille-Paris, Université de Lille, Librairie Honore Champion, 1976.
- BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa — *Manuel de Figueiredo. Uma perspectiva do neoclassicismo português (1745-1777)*, tese de Mestrado em Literatura comparada apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols., Coimbra, trabalho dactilografado, 1987.
- BOSERUP, Ester — *La femme face au développement économique*, Paris, PUF, 1983.
- BOXER, C. R. — *A mulher na expansão ultramarina ibérica — 1415-1815. Alguns factos, ideias e personalidades*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- BOXER, Marilyn J. — «For and about women: the theory and practise of women's studies in the United States», *Signs*, vol. 7, num. 3, Spring 1982.
- BRAGA, Maria Ondina — *Mulheres escritoras — da biografia no texto ao texto da biografia*, Amadora, Bertrand, 1980.
- BRAGA, Teófilo — *História da Literatura Portuguesa*, 4.º vol. (*Os Arcades*), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- BRAGA, Teófilo — *Historia do theatro portuguez. A baixa comedia e a opera. Seculo XVIII*, Porto, Imprensa Portuguesa Editora, 1871.
- BRANCO, João de Freitas — *História da música portuguesa*, Lisboa, Europa - América, 1959.
- BRANCO, Manuel Bernardes — *As minhas queridas freirinhas d'Odivellas*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1886.
- BRANCO, Manuel Bernardes — *Portugal na epocha de D. João V*, Lisboa, Livraria Antonio Maria Pereira, 1885.
- BUESCU, Ana Isabel Carvalhão — «O Norte e o Sul na Europa iluminista: um aspecto da geografia cultural no século XVIII», *Revista de História Económica e Social*, Lisboa, Sá da Costa, n.º 19, Janeiro-Abril, 1987.

- CABRAL, Adolfo de Oliveira — *Southey e Portugal (1774-1801). Aspectos de uma biografia literária*, Lisboa, P. Fernandes, 1959.
- CANTEL, Raymond — «La place de la femme dans la pensée de Vieira», *Caravelle. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, Université de Toulouse, IV, 1965, pp. 23-29.
- CARVALHO, João Pinto de — *Lisboa de Outrora*, 3 vols., Lisboa, Edição do Grupo «Amigos de Lisboa», 1.º e 2.º vols., 1938, 3.º vol., 1939.
- CARVALHO, [João] Pinto de — *Lisboa d'outros tempos II — Os cafés*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira-Livraria Editora, 1899.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Um tipo literário e humano do Barroco. O «cortesão discreto»*, Coimbra, 1963, separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de — *Impressões de História*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910.
- CASTELO-BRANCO, Fernando — «Significado cultural das Academias de Lisboa no século XVIII», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII, (n.ºs 65-66), 1974, pp. 31-57.
- CASTRO, Aníbal Pinto de — *Breves reflexões sobre o teatro em Portugal nos séculos XVII a XVIII*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1974, separata do *Catálogo da Coleção de Miscelâneas*, B.G.U.C., vol. VII.
- CEPEDA ADAN, Juan — «La Mujer en la Historia. Problemas metodológicos» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 13-17.
- CHANTAL, Suzanne — *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*, Lisboa, Ed. «Livros do Brasil», s.d. (traduzido do francês).
- CHAUNU, Pierre — *A civilização da Europa das Luzes*, 2 vols., Lisboa, Ed. Estampa, 1985 (traduzido do francês).
- CHAVES, Castelo Branco — *Memorialistas portugueses*, Lisboa, M.E.C., Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- CHAVES, Castelo Branco — *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, Lisboa, M.E.I.C., Secretaria de Estado da Investigação Científica, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain — *Dictionnaire des symboles I..J*, édition revue et augmentée, Paris, Robert Laffont/Jupiter, 1982.
- CIDADE, Hernani — *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, 7.ª ed., 2 vols., Coimbra, Coimbra Editora, 1984 (1.ª ed.: 1929).
- COELHO, Jacinto do Prado (dir. de) — *Dicionário de Literatura — Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega. Estilística Literária*, 3.ª ed., 5 vols., Porto, Figueirinhas, 1985.

- COELHO, Jacinto do Prado — «Moralismo na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura [...]*, vol. II, Porto, Figueirinhas, 1985, pp. 667-669.
- COELHO, Jacinto do Prado — «Mulher na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura [...]*, 3.ª ed., vol. II, Porto, Figueirinhas, 1985, pp. 677-680.
- COELHO, Jacinto do Prado — «Oratória em Portugal» in *Dicionário de Literatura [...]*, 3.ª ed., vol. III, Porto, Figueirinhas, 1985, pp. 758-763.
- COELHO, Jacinto do Prado — *Problemática da História Literária*, 2.ª ed. revista e ampliada, Lisboa, Atica, s.d..
- COELHO, Jacinto do Prado — «Romance e Novela na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura [...]*, 3.ª ed., vol. III, Porto, Figueirinhas, 1985, pp. 950-954.
- COELHO, Nelly Novaes — «A prosa ficcional dos séculos XVII e XVIII sob nova perspectiva «Aventuras de Diófanes» do século XVIII: prenúncio da mentalidade liberal e patriarcal que alicerça o romance romântico do séc. XIX», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII (n.ºs 65-66), 1975, pp. 330-336.
- COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA — Exposição bibliográfica sobre a mulher. Catálogo organizado por Maria Regina Tavares da Silva, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- COSTA, Carlos Manuel de Fragoço Brejo da — *Manuel de Figueiredo, perceptista e autor dramático português do século XVIII*, dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, trabalho dactilografado, 1967.
- COSTA, Maria da Luz Marques da — *Alguns aspectos de literatura pró e contra a mulher no século XVII*, dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, trabalho dactilografado, 1957.
- DANTAS, Júlio — *O amor em Portugal no século XVIII*, Porto, Livraria Chardron de Lelo & Irmão, 1916.
- DELUMEAU, Jean — *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles)*, Paris, Fayard, 1983.
- DELUMEAU, Jean — *La peur en Occident (XIV<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles). Une cité assiégée*, Paris, Fayard, 1978.
- DOMINGUEZ PRATS, Pilar — «La Mujer en la enseñanza de la História», in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I, Madrid, Seminario de Estudios de la mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 38-46.
- DUBY, Georges — *Le chevalier, la femme et le prêtre. Le mariage dans la France féodale*, Paris, Hachette, Coll. Pluriel, s.d..
- DURAN, María Angeles — «Lectura económica de Fray Luis de León» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. II, Madrid, Seminario de estudios de la mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 257-273.
- DURAN, María Angelles (ed. de) — *Liberacion y Utopia*, Madrid, Akal, 1982.

- FARGE, Arlette — *La vie fragile. Violence, pouvoirs et solidarités à Paris au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Hachette, 1986.
- FARIA, Jorge de — «Um século de teatro francês em Portugal (1737-1837)», *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, Lisbonne, Tome I, 1950, pp. 62-92.
- FAUCHERY, Pierre — *La destinée féminine dans le roman européen du dix-huitième siècle 1713-1807. Essai de gynécomythie romanesque*, thèse présentée devant la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris le 2 juin 1970, Université de Lille III, Service de Reproduction des thèses, 1972.
- Femme (La) dans la pensée espagnole*, ouvrage collectif. Equipe de philosophie ibérique et ibéro-américaine (Université de Toulouse — Le Mahain) Paris, Editions du CNRS, 1984.
- FERNANDES, Rogério — *O pensamento pedagógico em Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., M.E.C., Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- FERRÃO, António — *A Censura literária durante o governo pom-balino (subsídios para a história do pensamento em Portugal)*, Coimbra, Imprensa Universitária, 1926.
- FERREIRA, João Palma — *Academias Literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.
- FERREIRA, João Palma — *Do pícaro na Literatura portuguesa*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.
- FERREIRA, João Palma — *Obscuros e Marginados, Estudos de Cultura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
- FIGUEIREDO, Violeta Crespo de — «Como casava a nobreza e a burguesia no Portugal de setecentos», *História*, Lisboa, Projornal, n.º 13, 1979, pp. 12-24.
- FIGUEIREDO, Violeta Crespo de — «Papéis volantes do século XVIII — 5. Mulher», *História*, Lisboa, Projornal, n.º 5, Março 1979, pp. 54-64.
- FIGUEIREDO, Violeta Crespo de — «Papéis volantes do século XVIII — 7. Público, política e censura», *História*, Lisboa, projornal, n.º 8, Junho de 1979, pp. 70-78.
- FOLGUEIRA, Pilar — «Notas para el estudio de la Historia Social de la Mujer en España» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I. Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 47-55.
- FONSECA, Fernando Taveira da — «Notas acerca do pensamento religioso sobre a mulher: um sermão do século XVII», in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 115-135.
- FONSECA, Martinho Augusto da — *Subsídios para um dicionário de pseudonyms, iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes [...]*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1896.

- FRECHES, Claude-Henri — «Le théâtre aristocratique et l'évolution du goût au Portugal d'après la «Gazeta de Lisboa», de 1715 a 1739», in *Bulletin des Etudes Portugaises publié par l'Institut Français au Portugal*, Nouvelle série, XXVI, 1965, pp. 95-110.
- GARCIA DE ENTERRIA, Maria Cruz — *Sociedad y poesia de cordel en el Barroco*, Madrid, Taurus, 1973.
- GERALDES, Alice — *Castro Laboreiro — a mulher na vida e na lenda*, sep. de Minia, Braga, 2.ª série, Ano I, n.º 2, 1978, pp. 42-64.
- GOMES, Alberto Figueira — *Poesia e dramaturgia populares no século XVI — Baltasar Dias*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- GOMES, Maria Eugénia Reis — *Contribuição para o estudo da festa em Lisboa no Antigo Regime*, Lisboa, Instituto Português do Ensino à Distância, 1985.
- GONCOURT, Edmond et Jules — *La femme au dix-huitième siècle*, Paris, Flammarion, 1982 (1.ª ed.: 1862).
- GUEDES, Fernando — *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história. Séculos XVIII e XIX*, Lisboa e São Paulo, Ed. Verbo, 1987.
- GUIMARÃES, Elina — *Mulheres portuguesas ontem e hoje*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1979.
- GUIMARÃES, José Ribeiro — *Summario de varia historia. Narrativas, lendas, biographias, descrições de templos e monumentos, estatísticas, costumes, civis, politicos e religiosos d'outra eras*, 5 tomos, Lisboa, Rolland & Semiond e Sousa Neves, 1872-1875.
- GUSDORF, Georges — *De l'histoire des sciences à l'histoire de la pensée*, Paris, Payot, 1977.
- GUSDORF, Georges — *Les principes de la pensée au siècle des lumières*, Paris, Payot, 1971.
- HAZARD, Paul — *A crise da consciência europeia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1948 (traduzido do francês).
- HAZARD, Paul — *O pensamento europeu no século XVIII (De Montesquieu a Lessing)*, 2 vols., Lisboa, Editorial Presença, 1974 (traduzido do francês).
- KELLY-GADOL, Joan — «The social relation of the sexes: methodological implications of women's history», *Signs, Journal of women in culture and society*, vol. 1, num. 4, Summer, 1976, pp. 809-823.
- KNIBIEHLER, Yvonne et al. — *De la pucelle à la minette. Les jeunes filles de l'âge classique à nos jours*, Paris, Temps Actuels, 1983.
- KNIBIEHLER, Yvonne — «Le discours médical sur la femme: constances et ruptures», *Mythes et répresentation de la femme au XIX siècle*, num. spécial de *Romantisme*, pp. 41-55.
- LAVRADOR, Maria Helena Varela — *Alguns aspectos da sociedade portuguesa do século XVIII através do seu teatro original e traduzido*, dissertação apresentada à Faculdade de

- Letras da Universidade de Lisboa em Junho de 1944, Lisboa, 1945.
- LELLO Universal, Dicionário enciclopédico luso-brasileiro em 2 volumes, Porto, Lello & Irmão, 1983.
- LEMOINE-LUCCIONI, Eugène — *Partage des femmes*, Paris, Editions du Seuil, 1976.
- LEMOS, Ester de — «Casamento como tema moralístico» in *Dicionário de Literatura [...]* dir. por Jacinto Prado Coelho, 3.ª ed., vol. I, Porto, Figueirinhas, 1985, pp. 156-158.
- LISBOA, Eugénio (coord. de) — *Dicionário cronológico de autores portugueses*, organizado pelo Instituto Português do Livro. Mem Martins, Europa-América. vol. I, 1985.
- MACEDO, Jorge Borges de — «'Estrangeirados', um conceito a rever», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII, (n.ºs 65-66), 1974, pp. 179-202.
- MACEDO, Joreg Borges de — *Problemas de história da indústria portuguesa do século XVIII*, 2.ª ed., Lisboa, Quercó, 1982.
- MACHADO, Alvaro Manuel — *As origens do romantismo em Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura Portuguesa, 1985.
- MADUREIRA, Nuno Luís — «Viajantes estrangeiros no Portugal do século XVIII — o caso do Duc de Chatelet», *Prelo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, n.º 9 — Outubro/Dezembro de 1985, pp. 89-98.
- MAGNINO, Leo — «Influência do iluminismo na cultura portuguesa», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII, (n.ºs 65-69), 1974, pp. 279-289.
- MARAVALL, José Antonio — «La comédie espagnole et la stratification sociale à l'âge baroque», in *Problèmes de stratification sociale*. Actes du colloque International (1966) publiés par Roland Mousnier, Paris, P.U.F., 1968, pp. 249-265.
- MARAVALL, José Antonio — *La cultura del Barroco. Análisis de una estructura histórica*, Barcelona, Editorial Ariel, 1975.
- MARAVALL, José Antonio — *Estudios de Historia del pensamiento español, serie tercera, el siglo del Barroco*, 2.ª ed. ampliada, Madrid, Ediciones Cultura Hispanica, 1984.
- MARAVALL, José Antonio — *Los limites estamentales de la educación en el pensamiento ilustrado*, separata da *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Faculdade de Letras, vol. 8, 1986, pp. 123-144.
- MARQUES, José — «Regalismo e a mulher em religião», in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 167-194.
- MARQUES, Maria Adelaide Salvador — «A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional — Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no século XVIII», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. XXVI, 1964, pp. 1-207.

- MARTIN GAITE, Carmen — *Usos amorosos del dieciocho en España*, Barcelona, Editorial Lumen, Palabra en el Tiempo, 1981 (1.ª ed.: 1972).
- MARTINS, António Coimbra — «Discurso de Sua Excelência o Senhor Ministro da Cultura [...]» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 25-30.
- MARTINS, António Coimbra — «Luzes» in *Dicionário de História de Portugal*, dir. por Joel Serrão, vol. II, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965, pp. 836-856.
- MARTINS, António Coimbra — «Pombal e Molière», *Revista de História das Ideias — IV, o marquês de Pombal e o seu tempo — II*, Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1982-1983, pp. 291-319.
- MARTINS, António Coimbra — «As versões pombalinas de Molière reprovadas pela Real Mesa Censória» in *Pombal revisitado*. Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2.º centenário da morte do marquês de Pombal, vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1984, pp. 189-245.
- MARTINS, José Pedro Ribeiro — *O teatro no Porto do século XVIII*, Porto, 1982, separata de *Revista de História*, Universidade do Porto, vol. III, 1982.
- MATIAS, Elze H. Vonk — «Mestres e lições nas academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII», *Prelo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, n.º 10, Janeiro/Março, 1986, pp. 19-34.
- MATIAS, Maria Goretti — Recensão a *A mulher na sociedade portuguesa — visão histórica e perspectivas actuais (actas do colóquio)* [...], *Ler História*, Lisboa, Ed. Salamandra, n.º 12, 1988, pp. 133-136.
- MATTOSO, José — «A mulher e a família» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 35-49.
- MICHEL, Andrée — *Femmes, sexisme et sociétés*, Paris, PUF, 1977.
- MIRANDA, José da Costa — «Teatro manuscrito em língua portuguesa, rejeitado pela Mesa Censória (século XVIII)», *Critério. Revista mensal de cultura*, Lisboa, ano I, n.º 7, Outubro de 1976, pp. 37-40, 62-63.
- MIRANDA, José da Costa — «Teatro no tempo do Marquês de Pombal: divertimento e poder» in *Pombal revisitado*, Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2.º centenário da morte do marquês de Pombal, vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1984, pp. 271-286.

- MONCADA, L. Cabral de — «O 'séc. XVIII' na legislação de Pombal» *Boletim da Faculdade de Direito*, Coimbra, ano IX — n.º 81-90 (1925-1926), 1926, pp. 167-202.
- MONTEIRO, Maria Alba de Abreu Horta — *Alguns aspectos da sociedade portuguesa do século XVIII (preocupações sumptuárias)*, dissertação de licenciatura, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, trabalho dactilografado, 1956.
- MOURÃO, Alda Maria — «O carnaval urbano», *História*, Lisboa, Projornal, n.º 105, Fevereiro de 1988, pp. 54-65.
- NASH, Mary — «Desde la invisibilidad a la presencia de la mujer en la Historia: corrientes historiográficas y marcos conceptuales de la Nueva Historia de la Mujer», in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 18-37.
- NASH, Mary (ed.) — *Presencia y protagonismo. Aspectos de la historia de la mujer*, Barcelona, Ediciones del Serbal, 1984.
- NOVAES, Maria Stella — *A mulher na capitania do Espírito Santo (estudo Lusó-Braçileiro da História, Etnografia e Folclore)*, Porto, 1957, separata de *Douro Litoral — Boletim da Comissão de Etnografia e História*, Oitava série, I-II.
- OLIVEIRA, António de — «Apresentação do colóquio pelo representante da comissão organizadora Prof. Doutor [...], in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 9-20.
- OLIVEIRA, Luís Vasco Ribeiro Salgado de — «O significado do luxo no reinado de D. João V. Alguns aspectos», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXVIII (n.ºs 65-66), 1974, pp. 299-312.
- OSÓRIO, José — «Viscondessa de Balsemão D. Catharina de Sousa», *A Ilustração, jornal universal*, Lisboa, vol. I, n.º 8, Novembro de 1845, pp. 127-128.
- PERROT, Michelle (dir.) — *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Marseille, Rivages, 1984.
- PICCHIO, Luciana Stegagno — *História do teatro português*, Lisboa, Portugalia, 1968 (traduzido do italiano).
- PIMENTEL, Alberto — *As amantes de D. João V. Estudos históricos*, Porto, Liv. Figueirinhas, 1946.
- PINHO, Sebastião Tavares de — «O primeiro livro feminista português (século XVI)» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 203-221.
- PORTELA, Artur — *Cavaleiro de Oliveira, Aventureiro do século XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira — *Da ilustração ao liberalismo (temas históricos)*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1979.

- RAMOS, Luís A. de Oliveira — «Os monges e os livros no século XVIII: o exemplo da biblioteca de Tibães», *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XXXV, n.ºs 79-80 (92-93), 1981, pp. 489-499.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira — «Raízes do liberalismo português», *Revista de História*, Porto, INIC, Centro de História da Universidade do Porto, vol. I, 1978, pp. 361-377.
- REBELLO, Luiz Francisco — *História do Teatro Português*, s.l., Publicações Europa-América, 1967.
- REBELLO, Luiz Francisco — «O marquês de Pombal e o teatro» in *Pombal revisitado*. Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2.º centenário da morte do marquês de Pombal, vol. I, Lisboa, Ed. Estampa, 1984, pp. 98-120.
- REBELLO, Luiz Francisco — «Teatro» in *Dicionário de História de Portugal*, dir. por Joel Serrão, vol. IV, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 125-133.
- RIBEIRO, Mário de Sampayo — *Achegas para a História da Música em Portugal - III — A música em Portugal nos séculos XVIII e XIX (bosquejo de História e crítica)*, Lisboa, 1936, separata da revista *História*, série a).
- ROCHA, Andrée Crabée — «Conto na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura* [...], dir. por Jacinto Prado Coelho, 3.ª ed., vol. 1, Porto, Figueirinhas, pp. 213-214.
- ROCHA, Andrée [Crabée] — *A Epistolografia em Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- RODRIGUES, Graça Almeida — «Anticonformismo na primeira metade do século XVIII» in *Pombal revisitado*. Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2.º centenário da morte do marquês de Pombal, vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1984, pp. 247-269.
- RODRIGUES, Graça Almeida — *Breve história da censura literária em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação e Ciência, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.
- RODRIGUES, Graça Almeida — *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740)*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- RODRIGUES, Manuel Augusto — «As preocupações apostólicas de D. Miguel da Anunciação à luz das suas cartas pastorais» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 135-166.
- SÁ, Ayres de — *Toiradas em Portugal*, Lisboa, Typ. de Ricardo de Souza & Salles, 1903.
- SAEZ BUENAVENTURA, Carmen — «Para un analisis epistemológico de la maternidad» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. II, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 135-145.

- SALGADO, João — *História do Theatro em Portugal*, Lisboa, David Corazzi Editor, 1885.
- SALOMON, Noël — *Recherches sur le thème paysan dans la «comédia» au temps de Lope de Vega*, Institut d'études ibériques et ibéro-américaines de l'Université de Bordeaux, 1965.
- SANCHEZ-ORTEGA, Elena — «La Mujer en el Antiguo Regimen: tipos históricos y arquetipos literarios» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. I, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 107-126.
- SANTOS, Maria José Moutinho — «A condição da mulher em Portugal no século XVIII vista por estrangeiros. Alguns aspectos», *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, Lisboa, fasc. 1, 1981, pp. 7-20.
- SANTOS, Maria José Moutinho — «Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII», *Revista de História*, V. Actas do colóquio «O Porto na época moderna», III, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1981, pp. 35-47.
- SARAIVA, António José e LOPES, Óscar — *História da literatura portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed. corrigida, Porto, Porto Editora.
- SARDE, Michelle — *Regard sur les Françaises (X<sup>e</sup> siècle-XX<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Stock, 1983.
- SILVA, Inocêncio Francisco da — *Dictionnaire bibliographique portuguez. Estudos de [...] applicaveis a Portugal e ao Brasil*, continuado e ampliado por Brito Aranha, Gomes de Brito e Alvaro Neves, 22 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923.
- SILVA, José Gentil da — *A propos de modernité et des femmes dans le Sud-Ouest Européen*, separata de *Hommage a Maurice Bordes*, Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Nice, n.º 45, 1982, pp. 191-201.
- SILVA, José Gentil da — «A situação feminina em Portugal na segunda metade do século XVIII», *Revista de História das Ideias IV. O Marquês de Pombal e o seu tempo - I*, Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1982-1983, pp. 143-166.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da — «Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial», *Revista de História*, São Paulo, ano XXVIII, vol. LV, n.º 109, 1977, pp. 149-164.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da — «A história da mulher no Brasil: balanço da produção e perspectivas», *Ler História*, Lisboa, Ed. Salamandra, n.º 12, 1988, pp. 95-110.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da — «A legislação pombalina e a estrutura da família no antigo regime português» in *Pombal revisitado*. Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2.º centenário da morte do marquês de Pombal, vol. I, Lisboa, Ed. Estampa, 1984, pp. 403-414.
- SILVA, Maria Madalena de Cagigal e — «O traje do século XVIII através das colecções do Museu Nacional dos Coches (breve

- notícia)», *Bracara Augusta*, Braga, vol. XXVII, n.º 64 (76) 1973, pp. 408-411.
- SILVA, Nuno Espinosa Gomes da — «Apostilha a 'O discurso do Doutor João das Regras nas Cortes de Coimbra de 1385. Dúvidas e observações'», *SCIENTIA IVRIDICA*, Braga, Liv. Cruz, Tomo XXXVI, n.ºs 205-207, Janeiro-Junho de 1987, pp. 190-205.
- SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e — *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
- SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e — *Teoria da Literatura*, 6.ª ed. revista, Coimbra, Liv. Almedina, 1984.
- SIMÕES, Manuela Lobo da Costa — «Um divórcio no primeiro quartel do século XIX» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 171-189.
- SOHN, Anne-Marie — «Les rôles féminins dans la vie privée: approche méthodologique et bilan de recherches», *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, Tome XXVIII, octobre-décembre, 1981, pp. 597-623.
- SOLÉ, Jacques — *L'amour en Occident à l'époque moderne*, Bruxelles, Éditions Complex, 1984 (1.ª ed.: 1976).
- SOUZA, José Soares de — *Índice alfabético do Dicionário bibliográfico português de Inocencio Francisco da Silva* [S. Paulo], Departamento de Cultura, Divisão de Bibliotecas, 1938.
- TENÓRIO-PONTES, Walter — *Machismo — Literatura de Cordel*, Lisboa, Ed. Rolim, s.d..
- TERREIRO, Alvaro — *A educação da mulher em L. Vives e F. Monçon: extracto da tese de doutoramento de [...]*, Lisboa, 1976, separata da *Revista Brotéria*, Março e Abril de 1976.
- VELOSO, Carlos José Rodarte de Almeida — *A alimentação em Portugal no século XVIII nos relatos de viajantes estrangeiros*, dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, trabalho dactilografado, 1987.
- VELOSO, Carlos José Rodarte de Almeida — «Imagem e condição da mulher na obra de autores portugueses da primeira metade do século XVII» in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*. Actas do colóquio, vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, pp. 251-270.
- VIGIL, Marilo — «La vida cotidiana de las mujeres en el Barroco» in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Actas de las primeras jornadas de investigación interdisciplinaria, vol. II, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, pp. 151-165.

ÍNDICE ONOMASTICO \*

- ABRAÃO — 35.  
 ABRANTES, duquesa de (Lau-  
 re Saint-Martin Permon) —  
 87.  
 ADÃO — 30, 37, 44, 197.  
 ADDISON, Joseph — 166.  
 AGOSTINHO, Santo — 20.  
 AGULHON, Maurice — 13.  
 AIRES, Matias — 51, 52, 53,  
 62, 63.  
 ALBERT, mademoiselle d' —  
 190.  
 ALEIXO, Santo — 29, 40, 42.  
 ALER GAY, Maribel — 40.  
 ALEXANDER, Boyd — 87.  
 ALMEIDA, Ângela Mendes de  
 — 39, 44.  
 ALMEIDA, Cristóvão de—23, 40.  
 ALMEIDA, Luís Ferrand de —  
 61, 62.  
 ALORNA, marquesa de (D. Leo-  
 nor de Almeida) — 56, 64,  
 104, 115, 116, 140.  
 ALORNA, marquesa de (mãe)  
 — 104.  
 ALORNA, filhas da marquesa  
 de — 113.  
 ALORNA, marquês de Frontei-  
 ra e d' (D. José Trazimundo  
 M. Barreto) — 113, 142, 143,  
 151, 159.  
 ALVIM, Maria Helena Vilas-  
 -Boas e — 39.  
 ANADIA, visconde de — 72.  
 ANASTÁCIA, Mariana — 92.  
 ANDRADA, Diogo Paiva de —  
 19, 45.  
 ANDRADA, Ernesto de Campos  
 de — 142.  
 ANTAS, Leonardo José Pimen-  
 ta e — 73, 88, 90, 160.  
 ANUNCIAÇÃO, D. Miguel da  
 — 24, 42, 148.  
 ARIÈS, Philippe — 198.  
 ASSUNÇÃO, soror Arcângela  
 Maria de — 56.  
 ATAÍDE, D. Maria de — 23, 41.  
 ATOUGUIA, condessa de (D.  
 Mariana Bernarda de Távora)  
 — 72, 104.  
 ÁUSTRIA, D. Maria Ana de  
 (rainha de Portugal) — 48.  
 AVANÇO, Geremias — 142.  
 AVELAR, José Soares de —  
 105, 141.  
 AYLLÓN Y GALLO, Joseph  
 López de la Torre — 160.  
 AZEVEDO, J. Lúcio de — 86.  
 BALBI, Adrien — 88.  
 BALSEMÃO, viscondessa de  
 (Catarina Micaela de Sousa  
 César e Lencastre) — 104,  
 141.  
 BÁRBARA, infanta D. Maria  
 — 48.  
 BARETTI, José — 59, 65, 142,  
 153.  
 BARROS, Doutor João de — 34.  
 BARRY, condessa de — 173.  
 BASTO, A. de Magalhães — 61.  
 BASTOS, José Timóteo da Sil-  
 va — 187.  
 BEBIANO, Rui — 61.  
 BECKFORD, William — 60, 72,  
 73, 75, 87, 88, 113, 119, 131,  
 164.  
 BEIRÃO, Caetano — 61.  
 BENEDITA, infanta D. Maria  
 — 105.  
 BERNARDINO, Teresa — 191.  
 BLUTEAU, Rafael — 35, 43,  
 44, 139.  
 BOMBELLES, marquês de —  
 72, 73, 75, 80, 87, 88, 105, 109,  
 112, 113, 115, 119, 136, 138,  
 142, 144, 148, 150, 151, 153,  
 156, 159, 160, 162, 163, 164.  
 BONAPARTE, Josefina — 81.  
 BONEM, Natal Jacome — 107.  
 BORRALHO, Maria Luísa Ma-  
 lato da Rosa — 16.  
 BOXER, C. R. — 39, 42.  
 BRAGA, arcebispo de—57, 58.

\* Diz respeito ao texto e respectivas notas. Não foram incluídos os editores das obras citadas e as personagens literárias.

- BRAZÃO, Eduardo — 61.  
 BRITO, José Sanches de — 141.  
 BREYNER, Teresa de Melo — 104.  
 BROCHADO, José da Cunha — 49.  
 BUESCU, Ana Isabel Carvalhão — 84.  
 CABRAL, Adolfo Oliveira — 65.  
 CABREIRA, José Tomás — 107.  
 CADAVAL, duques de — 50, 72.  
 CÂMARA, D. Inês da — 136.  
 CAMÕES — 105.  
 CANTEL, Raymond — 39, 40, 42.  
 CARDOSO, frei Bento — 33.  
 CARNEIRO, frei José de S. Ciriaco — 81, 82, 91, 169.  
 CARREIRA, L.-M. — 188.  
 CARRÈRE, Pierre — 60.  
 CARTAXO, frei António de S. Francisco de Paula — 169.  
 CARVALHO, João Pinto de — 162, 164.  
 CARVALHO, José G. Herculanino de — 41.  
 CASTELO BRANCO, Antónia Margarida de — 27, 28, 46, 47, 60.  
 CASTRO, Aníbal Pinto de — 162.  
 CASTRO, D. Isabel de (condessa de Assumar) — 24.  
 CASTRO, João Baptista de — 36, 45.  
 CATALANI, Angélica — 152.  
 CEPEDA ADAN, Juan — 16.  
 CÉU, soror Maria do — 26, 55, 57, 60, 78, 90, 97, 100, 139.  
 CÉU, soror Violante do — 100.  
 CHAGAS, madre Isabel das — 29.  
 CHAUNU, Pierre — 87.  
 CHAVES, Castelo Branco — 60, 65, 86, 87.  
 CHEVALIER, Jean — 92.  
 CIDADE, Hernani — 64.  
 COELHO, Jacinto do Prado — 39, 44, 62, 64.  
 COELHO, NELLY NOVAES — 44.  
 CORDEIRO, P. Valério A. — 86.  
 CORNÉLIA — 33.  
 CORNIDE Y SAAVEDRA — 160, 164.  
 CORREIA, André António — 141, 145.  
 CORTESÃO, Jaime — 44.  
 COSTA, José Daniel Rodrigues da — 72, 85, 86, 90, 91, 107, 141, 144, 161, 164, 169, 187, 191.  
 COSTA, Carlos Manuel F. Brejo da — 40.  
 COSTA, Félix José da — 36, 37.  
 COSTA, Francisca de Paula Possolo da — 105.  
 COSTA, Maria da Luz Marques da — 39, 143.  
 COSTIGAN, Arthur William — 59, 65, 75, 87, 105, 159.  
 COUTINHO, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo — 138.  
 COUTINHO, D. Vicente de Sousa — 116.  
 CRÉBILLON, Claude - Proser - Jolyot de — 173, 189.  
 CRÉMY, marquesa de — 172.  
 CRESCENTINI — 152.  
 CRESPO, Jorge — 88.  
 CRUZ, Joana Inês da — 100.  
 CRUZES — 13.  
 CUNHA, António Santa Marta Lobo da — 120, 140.  
 DAMIANA, soror — 29.  
 DANTAS, Júlio — 42, 65, 142.  
 DELAPORTE — 60.  
 DELUMEAU, Jean — 17, 40, 42, 44.  
 DEMÓNIO — 19, 29, 177.  
 DESENGANO, frei Amador do — 43.  
 DEUS — 20, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 43, 47, 55, 62, 81, 174, 190, 197.  
 DIANA — 49.  
 DIAS, Baltasar — 19, 40.  
 DUFOND, João Robert — 64, 90, 142, 145.  
 ERICEIRA, 4.º conde de (D. Francisco Xavier de) — 48, 49, 50.  
 ESTRATONICE — 33.  
 EVA — 18, 29, 30, 37, 44, 197.  
 FARGE, Arlette — 135.  
 FARIA, Jorge de — 162.  
 FARIA, Manuel de — 36.  
 FEBVRE, Lucien — 12, 198.

- FEIJÓ, António — 65.  
 FENELON — 93, 137, 140.  
 FERRÃO, António — 187.  
 FERREIRA, João Palma — 27,  
 40, 42, 44, 88, 141.  
 FERREIRA, Joaquim — 142.  
 FERREIRA, José da Silva —  
 145.  
 FERREIRA, Maria Emília C.  
 — 89.  
 FEYJÓO Y MONTENEGRO,  
 frei Benito Jeronimo — 36,  
 45.  
 FIGUEIREDO, António Pereira  
 de — 139.  
 FIGUEIREDO, Fidelino de —  
 160.  
 FIGUEIREDO, Francisco Coe-  
 lho de — 58, 65, 68, 69, 80,  
 91, 98, 106, 140, 164.  
 FIGUEIREDO, Manuel de —  
 11, 22, 40, 59, 64, 65, 70, 71,  
 74, 76, 77, 79, 84, 86, 87, 89,  
 90, 91, 96, 101, 102, 103, 104,  
 109, 114, 120, 121, 122, 125,  
 128, 132, 137, 138, 139, 140,  
 144, 145, 161, 179, 180, 181,  
 182, 183, 184.  
 FIGUEIREDO, Violeta Crespo  
 de — 12, 23, 61, 62, 139, 187,  
 190.  
 FOLGUEIRA, Pilar — 16.  
 FONSECA, Fernando Taveira  
 da — 39.  
 FONSECA, Martinho Augusto  
 da — 141.  
 FRANCISCO I (rei de França)  
 — 198.  
 FRECHES, Claude-Henri — 162.  
 FROMENTIERES, Jean-Louis  
 de — 34, 44.  
 GARCÃO, Pedro António Cor-  
 reia — 67, 84, 142, 167.  
 GARCIA DE ENTERRIA, Ma-  
 ria Cruz — 15, 165.  
 GARRETT, Almeida — 191, 192.  
 GHEERBRANT, Alain — 92.  
 GILDEMEESTER — 156.  
 GLÓRIA, soror Madalena da  
 — 100.  
 GLÓRIA, soror Mariana Josefa  
 da — 42.  
 GOIS, Francisco Mendes de  
 — 51.  
 GOMES, Alberto Figueira — 40.  
 GONÇALVES, Rui — 34.  
 GORANI, José — 85, 105, 141,  
 164.  
 GRAÇA, Paula da — 30, 32, 34,  
 43, 186.  
 GUIMARÃES, José Ribeiro —  
 64, 91, 92.  
 GUSDORF, Georges — 84.  
 GUSMÃO, Alexandre de — 62,  
 64, 65.  
 GUSMÃO, D. Luísa de (rainha  
 de Portugal) — 23, 41.  
 HARRIS, Ana — 82, 91.  
 HASSE, Manuela — 88.  
 HAZARD, Paul — 84, 142.  
 HIPONA — 33.  
 INÁCIA, soror Benta — 29.  
 INÁCIA, soror Margarida —  
 100, 188.  
 JESUS, Gertrudes Margarida  
 de — 32, 33, 34, 43, 186.  
 JOÃO V, D. (rei de Portugal)  
 — 48, 49, 54, 61.  
 JOÃO, príncipe regente de  
 Portugal — 159.  
 JOSÉ I, D. (rei de Portugal)  
 — 50, 153.  
 JOUBERT, Laurent — 40.  
 JUNOT — 159.  
 KANN, Roger — 87.  
 KELLY-GADOL, Joan — 15.  
 KNIBIEHLER, Yvonne — 16.  
 LA BRUYÈRE — 166.  
 LAFÕES, duque de — 72.  
 LAPA, Rodrigues — 63.  
 LEÃO, Duarte Nunes de —  
 23, 25, 41, 60.  
 LEÃO, Gil Nunes de — 60.  
 LEMOS, Ester de — 39.  
 LEMOS, Maximiano de — 137.  
 LENCIOS, mademoiselle de  
 — 172, 173.  
 LIMA, Fernando de Castro Pi-  
 res de — 61.  
 LINK, Heirinch Friedrich —  
 88, 105, 160, 162, 163, 164.  
 MACEDO, Jorge Borges de —  
 90, 91, 140, 141.

- MADRE DE DEUS, Ana da — 97.
- MAINTENON, madame de — 171, 173.
- MALDONADO, Mariana Antónia Pimentel — 104.
- MANIQUE, Diogo de Pina — 82, 152.
- MARAVALL, José António — 64, 138, 187.
- MARIA I, D. (rainha de Portugal) — 105, 152, 193, 194.
- MARIALVA, marqueses de — 73, 113, 119.
- MARIANA, infanta D. — 105.
- MARINELLA, Lucrecia — 43.
- MARQUES, José — 42.
- MARQUES, Maria Adelaide Salvador — 187.
- MARTÍN GAITE, Carmen — 12, 129, 142.
- MARTINS, António Coimbra — 39, 84, 145, 187, 189, 199.
- MARTINS, José Pedro Ribeiro — 162.
- MATTOSO, José — 15.
- MELO, D. Francisco Manuel de — 25.
- MENEZES, D. Leonor Maria de — 23, 41.
- MERVEILLEUX, Carlos Frederico — 49, 50, 51, 52, 64, 142, 160.
- METASTASIO — 105.
- MIRANDA, José da Costa — 187.
- MIRANDA, Martim Afonso de — 19, 25.
- MOLIÈRE — 96, 103.
- MONCADA, L. Cabral — 192.
- MONTE CARMELO, frei Luís do — 188.
- MONTEIRO, Maria Alba de Abreu Horta — 61, 86, 161.
- MORAES SILVA, António de — 43, 61, 84, 85, 87, 89, 90.
- MORGANTI, Bento — 68, 166, 167.
- MOURÃO, Alda Maria — 164.
- MOUSNIER, Roland — 187.
- MURPHY, James — 45, 72, 91, 162, 164.
- NASH, Mary — 15.
- NAVARRA, Margarida de — 198.
- NERA, João Teodoro de — 160.
- NISA, marquesa de — 120.
- NISSENO, S. Gregório — 20.
- OLIVEIRA, António de — 15.
- OLIVEIRA, Cavaleiro de (Francisco Xavier de) — 20, 35, 36, 39, 54, 94, 112, 162.
- OLIVEIRA, morgada de — 150, 151.
- ORTA, Teresa Margarida da Silva e — 33, 44.
- OSÓRIO, José — 141.
- OVIDIO — 172.
- PADILHA, Pedro Norberto d'Aucourt e — 51, 62, 76, 135, 151, 162.
- PAIXÃO, frei Alexandre da — 63.
- PANDORA — 18.
- PANTEZZE, Júlio Severim — 107.
- PEDRO II, D. (rei de Portugal) — 72, 153.
- PEDROSO, Manuel de Moraes — 106.
- PENALVA, marqueses de — 120.
- PERES, Damião — 63.
- PERROT, Michelle — 15.
- PESSOA — 109.
- PIMENTEL, Alberto — 61.
- PINA, Luís de — 137.
- PINHO, Sebastião Tavares de — 34, 44.
- PIWNIK, Marie-Hélène — 85, 163, 166, 186.
- POLIXENA — 33.
- POMBAL, marquês de — 13, 113, 116, 136, 156, 192, 195.
- POMBAL, 2.º filho do marquês de (conde de Redinha) — 116.
- POMBAL, viúva do marquês de — 136.
- POMBEIRO, condes de — 72.
- PORCILLI, Francisco Xavier — 64.
- PÓVOA, frei Luís de Santa Clara — 189.
- QUENTAL, padre Bartolomeu do — 23.

- RAQUEL — 23.  
 RATTON, Jacome — 13.  
 REBELO, Gaspar Pires — 40.  
 RESENDE, filha do marquês de — 113.  
 RIBEIRO, Aquilino — 39, 40.  
 ROCHA, Andrée Crabée — 62, 63, 65.  
 RODRIGUES, Graça Almeida — 60, 63, 64, 86, 160, 163, 187-188.  
 RODRIGUES, Manuel Augusto — 42.  
 ROLLIN, Charles — 93, 137.  
 ROSA, Maria — 92.  
 RUDERS, Carl Israel — 59, 65, 70, 73, 75, 86, 87, 138, 142, 152, 157, 160, 161, 162, 163, 164.  
  
 SÁ, Ayres de — 162, 163.  
 SALGADO JÚNIOR, António — 137.  
 SALOMON, Noël — 186.  
 SAMPAIO, condes de — 150-151.  
 SANCHES, António Ribeiro — 94, 97, 137.  
 SANCHEZ-ORTEGA, Elena — 16.  
 SANTA CATARINA, frei Lucas de — 54, 55, 56, 57, 60, 61, 63, 69, 149.  
 SANTA CATARINA, Rosa Maria de — 28.  
 SANTA RITA, frei José de — 130, 190.  
 SANTOS, Maria José Moutinho — 12, 60, 138.  
 SÃO FRANCISCO, Luís de — 23.  
 SÃO PEDRO, soror Maria Madalena de — 29, 42, 97, 138.  
 SARAIVA, António José — 84.  
 SAUCERRE, madame de — 172.  
 SAUSSURE, César de — 48, 52, 61, 73, 161.  
 SCHMITT-PANTEL, Pauline — 15.  
 SERRÃO, Joel — 84, 89.  
 SILVA, António Delgado da — 86.  
 SILVA, António Dinis da Cruz e — 142.  
 SILVA, António José da (o «Judeu») — 111, 142.  
 SILVA, António Manuel Policarpo da — 141.  
 SILVA, D. Inácia da — 23, 40, 41.  
 SILVA, Inocêncio Francisco da — 45, 85, 141.  
 SILVA, José Soares da — 64.  
 SILVA, Maria Beatriz Nizza da — 138, 193.  
 SILVA, Maria Madalena da Cagigal e — 90.  
 SILVA, Maria Regina N. X. A. Tavares da — 39, 40, 43.  
 SILVA, Nuno Espinosa Gomes da — 43.  
 SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e — 63.  
 SIMÕES, João Gaspar — 87.  
 SOUSA, Isabel de — 116.  
 SOUSA, D. Luís de Vasconcelos e — 143.  
 SOUTHEY, Robert — 59, 65.  
 STEELE, Richard — 138, 166.  
  
 TAVARES, José Pereira — 142.  
 TAVORA, marquesa de — 104.  
 TOLENTINO, Nicolau — 55, 59, 63, 82, 136, 149.  
 TRANCOSO, Gonçalo Fernandes — 19, 25.  
  
 VELOSO, Carlos José Rodarte de Almeida — 39, 40, 88.  
 VERNEY, Luís António — 93, 96, 137.  
 VIEIRA, padre António — 18, 20, 23, 25, 42, 100, 139, 188.  
 VIGIL, Marilo — 16.  
 VILA NOVA, condes de — 120, 144, 159.  
 VILFRANC, madame de — 173.  
 VIMIEIRO, condessa do — 72.  
 VIMIOSO, conde de — 48, 49.  
 VIRGEM MARIA — 21, 197, 199.  
 VITÓRIA, D. Mariana (rainha de Portugal) — 50, 61, 62, 147.  
 VIVES, Juan Luís — 40, 96.  
  
 WADE, Gualter — 88, 92.  
  
 ZENOBIA — 33.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO . . . . .	9
<b>I O DISCURSO NORMATIVO PREEXISTENTE</b> (claustromania e recusa da sociabilidade heterossexual)	17
1. Os defeitos . . . . .	18
2. As incapacidades . . . . .	19
3. As qualidades — o modelo . . . . .	21
4. A recusa da sociabilidade . . . . .	24
5. A clausura — o meio eficaz de segregação . . . . .	25
6. As mulheres partilham desta opinião . . . . .	26
7. Vozes dissonantes femininas . . . . .	29
8. Vozes dissonantes masculinas . . . . .	33
<b>II VIVÊNCIA EM CLAUSURA . . . . .</b>	<b>46</b>
1. O lar . . . . .	46
2. O convento . . . . .	53
<b>III UM QUOTIDIANO TRANSFORMADO . . . . .</b>	<b>66</b>
1. As assembleias . . . . .	68
2. Transformações decorrentes da abertura do lar . . . . .	71
2.1. <i>A casa</i> . . . . .	71
2.2. <i>Os criados</i> . . . . .	74
2.3. <i>Alimentos e hábitos à mesa</i> . . . . .	75
2.4. <i>O traje</i> . . . . .	78

IV NOVOS PAPÉIS	93
1. Aprendizagem	93
2. Tipos	109
3. Mulheres solteiras	112
4. Mulheres casadas	118
4.1. «Grifaria» e «chibantaria»	119
4.2. Agudização dos conflitos	132
5. Mulheres viúvas	135
V UM ESPAÇO ALARGADO	147
1. O espaço tradicional	147
1.1. As festividades religiosas	147
1.2. As visitas	149
2. Novos espaços	149
2.1. O aparato da saída	150
2.2. O teatro	152
2.3. Os touros	153
2.4. Mascaradas e bailes públicos	153
2.5. O Passeio Público. Locais de passeio	156
2.6. Banhos de mar	159
VI O DISCURSO CORRECTIVO	165
1. O repúdio	165
1.1. Apelo aos homens	165
1.2. A acção da Censura	169
2. Apelo às mulheres	174
2.1. A mulher ideal	174
2.2. Uma imagem negativa do homem	178
3. Um discurso modificado	179
4. Reacções ao discurso	183
BALANÇO FINAL	195
FONTES E OBRAS DE CONSULTA	200
1. Fontes	200
1.1. Impressas	200
1.1.1. Livros	200
1.1.2. Papéis Volantes	205
1.2. Manuscritas	212
2. Obras de Consulta	212
Índice Onomástico	225

Composto e impresso na  
ARTIPOL — Artes Tipográficas, Lda.  
Aguada de Baixo — Agueda  
Dep. Legal N.º 24922/89

Partindo da análise de textos setecentistas — teatro popular e arcádico, publicações periódicas, relatos de viajantes estrangeiros, memórias, obras pedagógicas, moralizantes ou satíricas —, a autora procura apreender as mulheres portuguesas da segunda metade do século XVIII na sua vida de relação.

Do discurso normativo dirigido à mulher ao quotidiano transformado pelos novos hábitos de convívio social, dos projectos reformistas de educação feminina à sua prática comum, dos papéis tradicionais aos novos papéis e representações femininos, do tradicional espaço claustral aos novos espaços públicos, das reacções do discurso moralista às suas tentativas de conciliação, eis as diferentes abordagens de um mesmo tema central — as formas de sociabilidade, às quais se atribui o papel de “motor de transformações”.

Transformações estas que justificam concluir ter sido a segunda metade do séc. XVIII português “uma época de crise, de mudança, no que se refere à sociabilidade, aos espaços e papéis femininos” e considerar que “as mulheres, grupo social embora desarticulado, favorecidas pelo ambiente socio-mental, abriram, pois, um período de tensão, conflitos e solução de continuidade no relacionamento do discurso normativo (que as enquadrava) com as práticas sociais que passaram a adoptar. Representando-se a si próprias como seres sociáveis (...), impuseram ao outro sexo a reformulação das suas representações sobre a mulher, sobre si próprio e sobre o relacionamento dos sexos ou obrigaram-no a contestar os papéis que a mulher se atribuía a si e ao homem”.

MARIA ANTÓNIA LOPES nasceu em Longroiva (concelho de Meda, distrito da Guarda) a 13 de Junho de 1960. É licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1982) e Mestre em História Moderna desde 1988, grau obtido com a apresentação da tese *Mulheres, espaço e sociabilidade* que, com vários aditamentos, é agora publicada. Durante alguns anos professora dos ensinos preparatório e secundário, é actualmente assistente no Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, membro do Instituto de História Económica e Social. Publicou “Os expostos no concelho da Meda em meados do século XIX (1836-1866). Subsídios para o seu estudo”, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXI, Coimbra, 1984, “A estrutura social de São Paulo e as suas relações com o bandeirismo (séculos XVI e XVII)”, *História*, n.ºs 94 e 95, Lisboa, 1986 e “Notas para o estudo do papel social da mãe, representações e normas no *Theatro de Manoel de Figueiredo*”, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXIV (no prelo).

